



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Métodos e Técnicas

Marize Raimunda dos Santos Rocha

Lado a lado: questão habitacional e questão ambiental num recorte sobre o Setor Habitacional Sol Nascente e a Lagoa do Japonês em Ceilândia, no DF.

Brasília-DF, 11 de junho de 2014.

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Marize Raimunda dos Santos Rocha

Lado a lado: questão habitacional e questão ambiental num recorte sobre o Setor Habitacional Sol Nascente e a Lagoa do Japonês em Ceilândia, no DF.

Brasília- DF, 11 de junho de 2014.

Universidade de Brasília

Marize Raimunda dos Santos Rocha

Lado a lado: questão habitacional e questão ambiental num recorte sobre o Setor Habitacional Sol Nascente e a Lagoa do Japonês em Ceilândia, no DF.

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Maria Lídia Bueno Fernandes

Brasília- DF, 11 de junho de 2014.

Marize Raimunda dos Santos Rocha

Lado a lado: questão habitacional e questão ambiental num recorte sobre o Setor Habitacional Sol Nascente e a Lagoa do Japonês em Ceilândia, no DF.

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

1 Professora Dr^a Maria Lídia Bueno Fernandes

ORIENTADORA

EXAMINADORA 2 Professora Dr^a Laura Maria Coutinho

EXAMINADORA 3 Professora M^a Maria Luiza Pinho Pereira

EXAMINADORA 4 Professora M^a Maria Madalena Torres

Brasília-DF, 11 de junho de 2014.

Agradecimentos

A Deus que me permitiu viver e ver a concretização deste sonho;

A Raimunda dos Santos Guedes (*in memoriam*), irmã que mostrou ser possível ultrapassar as barreiras da cor, lutar e conquistar os sonhos;

A Paulo, meu marido incentivador;

A todos os professores e funcionários da Faculdade de Educação;

Destacando a professora doutora e minha orientadora Maria Lídia Bueno Fernandes, que corajosamente aceitou esse desafio;

A professora doutora Laura Maria Coutinho, que de prontidão aceitou fazer parte da banca;

A mestra Maria Luiza Pinho Pereira que me acolheu no seu regaço, transmitindo aquele apoio que tranquiliza os nervos;

A mestra Maria Madalena Torres, minha “2ª Mundinha”;

A Lucas e Matheus Guedes, Daniel Cordeiro que ajudaram nas primeiras filmagens;

Aos colaboradores Jameson Uriel e Leonildo Lucena que contribuíram na formação e edição do Site Nascentes do Sol Nascente;

Aos alfabetizandos que contaram suas histórias de vida;

Aos que lutam para salvar a Lagoa do Japonês e as nascentes que restam no Sol Nascente;

Ao Sr. Alcir Lopes, José Valmir dos Santos, Vilma Milhomes, Elândia Reis, líderes atuantes na comunidade Sol Nascente;

A Escola Classe 66, ao MOPOCEM e a todos os movimentos sociais que amam Ceilândia e lutam para melhorá-la;

Ao Programa de Bolsa Permanência da UnB;

A todos e todas que passaram por minha trajetória na UnB e aos que permaneceram ao meu lado.

As nascentes

Oh! Que dó, que paixão!
Tantos buritis cortados,
Nas fendas das águas límpidas jogados e aterrados
Com intuito de mais um lote para construção!
É baratinho meu camarada,
Nessa área encharcada, quem vai comprar?
Aí é que se engana, muita gente sem noção, querendo uma habitação
Lança mão das áreas de preservação, com conhecimento ou não.
Pensam no aqui e agora, querendo sem demora fugir do desabrigo.
E aí mora o perigo, pois numa dessas da natureza,
Arrasta tudo pro abismo e é aquela choradeira!
Por isso devemos respeitar o limite para habitar
Conservar nossas nascentes pois é dádiva e presente
Daquele que sabe que a vida da gente precisa dessas águas corrente
Para banhar, cozinhar, limpar, enfim, cultivar.
Permitir brotar da terra a água que é nossa camarada
Sacia-nos a sede e refresca na caminhada
ROCHA, Marize, 2013.

Resumo

Este trabalho busca lançar um olhar para a realidade em que se desenvolvem as questões habitacional e ambiental na ocupação do espaço no Distrito Federal em especial o Setor Habitacional Sol Nascente em Ceilândia. Percebe a repetição dos trabalhadores que vêm Brasília como lugar de oportunidade de emprego. O constante aumento populacional e a segregação socioespacial levando os menos “favorecidos” economicamente a ocupar áreas destinadas à preservação permanente, e apesar de estar perto do centro das decisões políticas da nação, estas populações como também as áreas ambientais sofrem a demora na resolução das questões que lhes favoreçam. Os sonhos na capital divergem entre os políticos, os trabalhadores qualificados e os não qualificados. A ocupação do espaço no Distrito Federal revela muitas contradições na capital dos sonhos.

Palavras chave:

Espaço, Território, Distrito Federal, Habitação, Meio Ambiente

Abstract

This paper seeks to cast a look at the reality in which we develop the housing and environmental issues in land use in the Federal District in particular the Housing Sector in Sunrise Ceilândia. Realizes the historical repetition of workers who come Brasilia as a place of employment opportunity. The steady population growth and socio-spatial segregation leading the disadvantaged areas destined to occupy the permanent preservation, and despite being near the center of the political decisions of the nation, these populations as well as environmental areas suffer the delay in resolving issues that favor them. Dreams in the capital differ among politicians, skilled workers and unskilled. The occupation of space in Federal District reveals many contradictions in the capital of dreams.

Keywords:

Space, Territory, Federal District, Housing Environment

Sumário

Agradecimentos	6
As nascentes	7
Resumo	8
Abstract	9
Índice de imagens	12
Apresentação.....	14
Memorial.....	16
A minha trajetória na UnB.....	19
Primeira Parte/	23
1.1 Educação do olhar da Geografia para a compreensão da questão habitacional e ambiental no D F	26
1.2 A construção de Brasília (pelos trabalhadores).....	29
1.3 Áreas rurais se urbanizaram.....	31
2 Histórico do Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol. Maior comunidade em área irregular no país.	33
2.1 A habitação e os impactos ambientais	36
2.2 A Educação Ambiental surge no cenário	38
3.Percurso metodológico e o diálogo da moradora/pesquisadora com a região da Lagoa do Japonês.40	
3.1. O projeto de pesquisa sobre a Lagoa do Japonês.....	43
3.2 O Site NASCENTES DO SOL NASCENTE	52
3.3 O lixo foi abordado no Site	55
3.4 Expedições Nascentes do Sol Nascente.....	57
3.5 Análise e entrevistas: Quem são os moradores do Distrito Federal e do Sol Nascente?	59
Considerações finais	62
Intenções profissionais.....	64
Cronograma.....	65
Referências.....	65

Caderno de Campo.....	68
Existe nascentes na cabeceira da Lagoa do Japonês?	71
Anexos	76
Sítio/Site Nascentes do Sol Nascente em.....	76
Projeto	76
nascentes do sol nascente.....	77
Conheça nosso Projeto.....	77
Córrego Cachoeirinha	79
Ressignificando Ceilândia.....	79
Homenagem aos pais.....	81
Mapas do Distrito Federal.....	82

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1: Lagoa do Japonês	43
Figura 2: Vídeo: Habitação com respeito ao Meio Ambiente	<u>44</u>
Figura 3: Vídeo: Sol Nascente CEF 28	46
Figura 4: Vídeo: A Importância da Água.	47
Figura 5: Foto: Oficina Terceiro Setor	<u>47</u>
Figura 6: Reportagem: Os Parceiros do DF	49
Figura 7: Fotos do mutirão	49
Figura 8: Fotos: participantes do mutirão	<u>49</u>
Figura 9: Foto: Barraco na cabeceira da Lagoa do Japonês.	50
Figura 10: Foto: Mais barracos na cabeceira da Lagoa do Japonês	51
Figura 11: Foto: Venda de lotes ao redor da Lagoa	<u>50</u>
Figura 12: Reportagem: grilem: Ggrilagem de terras no Sol Nascente.SBT/Brasília. Em 2012.	52
Figura 13: Foto: Reuniões e locais de trabalho	53
Figura 14: Vídeo: Resignificando Ceilândia	53
Figura 15: Vídeo: Córrego Cachoeirinha	54
Figura 16 Vídeo: A obsolescência das coisas	54
Figura 17: Vídeo: SOS a Lagoa do Japonês pede SOCORRO	55
Figura 18 Vídeo: Homenagem aos pais	55
Figura 19: Reportagem: Grilagem de terras no Sol Nascente, parte 2	56
Figura 20: Foto: Lixo próximo a Lagoa do Japonês.	<u>56</u>
Figura 21:Foto: Expedição Nascentes do Sol Nascente	58
Figura 22: Fotos de nascentes no Sol Nascente	59
Figura 23: Foto:Fenda na Lagoa do Japonês	68
Figura 24: Fotos aéreas da Lagoa do Japonês em 2007.	<u>69</u>
Figura 25: Foto: Lagoa do Japonês em 2007quando iniciou o esvaziamento em 2007.	<u>70</u>
Figura 26: Foto: Barraco na cabeceira da Lagoa do Japonês, em novembro de 2011.	<u>72</u>

LISTA DE SIGLAS

ADASA - Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento do Distrito Federal
AGfis - Agência de Fiscalização do Distrito Federal
ANA- Agência Nacional da Água
APA - Área de Proteção Ambiental
APP - Área de Preservação Permanente
CAESB - Companhia de Abastecimento e Esgoto de Brasília
CEPAFRE - Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia
CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DER - Departamento de Estradas e Rodagem
DF - Distrito Federal
FZDF - Fundação Zoobotânica do Distrito Federal
GDF - Governo do Distrito Federal
GTPAFÓRUM-EJA/DF - Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização /Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM - Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
JK - Juscelino Kubitschek de Oliveira
MOPOCEM- Movimento Popular Por uma Ceilândia Melhor
NEP-UnB - Núcleo de Estudos para a Paz e os Direitos Humanos da Universidade de Brasília
NOVACAP - Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil
PDAD- Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios
PDOT - Plano Diretor de Ordenamento Territorial
PEOT - Plano Estrutural de Ordenamento Territorial
PGIRH - Plano de Gerenciamento Integrado de Recursos Hídricos do Distrito Federal
Progea - Engenharia e Estudos Ambientais Ltda.
RAs - Regiões Administrativas
SEDUMA - Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
SHSN - Setor Habitacional Sol Nascente
SIV-SOLO - Serviço de Vigilância do Uso do Solo

SLU- Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal

UnB- Universidade de Brasília

Apresentação

Ao longo do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, somos expostos a uma variedade de conhecimentos os quais nos propiciam qualificações para exercer nossa profissão ligada à prática docente. Somos incentivados a praticar a interdisciplinaridade nos envolvendo em atuações efetivas por meio de Projetos em diversas modalidades. Num desses projetos participei do Estudo do Meio realizado na disciplina Educação em Geografia em locais históricos de Brasília. Tais experiências despertaram minha curiosidade e o desejo de conhecer a história do Distrito Federal, entender o porquê das disparidades encontradas nesse território. O local de moradia das pessoas expressa, com nitidez, a segregação socioeconômica no Distrito Federal, colocando Brasília numa redoma de proteção e privilégios. Ao lado de comunidades como o Sol Nascente e Pôr do Sol, em Ceilândia, que cresceram vertiginosamente e durante anos têm lutado por infraestrutura básica, está o denominado Plano Piloto, com um Índice de Desenvolvimento Humano bastante elevado e usufruindo de excelente infraestrutura urbana.

Diante dessa realidade contraditória, instigou-se a seguinte questão: Qual é a situação ambiental nas áreas pauperizadas do Distrito Federal, em especial no Condomínio Sol Nascente em Ceilândia? Em busca da resposta a essa questão realizei um Projeto de Estudo do Meio para conhecer a realidade local. Desse processo de pesquisa e engajamento político, resultou um movimento na tentativa de salvaguardar um importante manancial na localidade: a Lagoa do Japonês no Sol Nascente, que corria o risco, de ser aterrada por conta da ocupação desordenada que estava ocorrendo.

Primeira parte

Memorial

Eu queria desconsiderar o meu passado;
Abandoná-lo, deixá-lo para trás...,
Tentei, não consegui;
Depois de tempos... entendi
Que o passado faz parte da minha história;
Que as experiências de outrora me enriquecem agora. (ROCHA,2013).

A cidade onde nasci chama-se Maragogipe – Bahia fica próxima à Salvador. É cercada por manguezais. Os peixes e mariscos fazem parte das refeições diárias da população. Morávamos numa vila pertencente à fazenda de um proprietário alemão chamado Sr. Hermano Melo, perto da cidade, dividindo o cerco com os quintais dos vizinhos onde íamos brincar todas as noites atravessando os matos no escuro. Uma vez nessas andanças pisei numa cobra de duas cabeças, que se enrolou em meu pé. Foi aquela gritaria! Isso aconteceu perto de um lago que, quando chovia, transformava-se numa verdadeira “escola de samba” tal era o barulho da cantoria dos bichinhos que lá se agregavam. O coaxar do sapo boi era o mais distinguível. Meu pai era o intérprete daqueles sons emitidos pela bicharada. Aliás, ele era um excelente narrador de estórias. As noites de lua cheia eram ocasiões perfeitas para sentarmos à porta de casa e ouvi-lo contar as façanhas do coelho que sempre aprontava com a onça mostrando sua esperteza e habilidades nas diversas situações em que a onça queria pegá-lo.

Quando criança, eu era como um bicho do mato, tímida, escondia-me entre as pernas do meu pai ou da minha irmã Isabel quando chegava alguém desconhecido lá em casa. Era uma situação que despertava receio dos familiares quando fosse à época de ingressar na escola. Naquele tempo a escola pública ainda não havia chegado à cidade em que morávamos. Aflorava a expectativa de como seria a reação e o desempenho da meninada, uma vez que estava em vias de chegar e a Secretaria de Educação do município havia incumbido os familiares de alfabetizar suas crianças para que elas não ficassem defasadas com relação idade/ano/série. Muitos pais então seguiram essa orientação e, de acordo com o que dispunham, alfabetizavam seus filhos preparando-os para o início das aulas. Havia temor por parte de todos a respeito do desempenho da garotada. Minha irmã Isabel foi quem me alfabetizou. Na época a cartilha ABC era o principal, e até certo ponto, único material didático para as camadas mais pobres. Tinha que sabê-la de cor, de trás pra frente e alternada. Aí de mim quando errava ou esquecia! Temia envergonhar a família! Foi tenso para todos, principalmente para mim por ser negra, uma vez que essa cor era cercada pelo estigma da burrice ou incapacidade em aprender.

Quando foi aberta a escola, toda a meninada foi matriculada. Na classe de 1ª série fizeram esforço para manter as idades aproximadas.

Logo no primeiro dia de aula a professora, que veio de Salvador, fez um teste de sondagem para averiguar a situação da turma. Ela escreveu na lousa várias contas de adição para cada um dos alunos ir ao quadro efetuar a soma e escrever o resultado indicando o nome do numeral, por exemplo, a conta que resolvi no quadro era uma soma de dois algarismos que o resultado, dava 10 (esse resultado era para ser escrito com o nome do numeral). Quando chegou a minha vez de ir ao quadro, a professora saiu da sala por alguns instantes. Então, fui, resolvi a conta, escrevi o resultado e sentei-me. Outros colegas disseram que o que eu fizera estava errado e queriam corrigi-lo antes que a professora chegasse. Mas, estava certo e eu tinha certeza. Todavia, um deles foi ao quadro, apagou o que eu tinha feito e escreveu errado. Fui lá novamente, apaguei e escrevi a minha resposta. Passados alguns instantes a professora chegou para corrigir identificando quem tinha respondido à questão e se estava certo ou errado. Quando chegou à questão que eu havia respondido, os colegas disseram que quiseram me ajudar, mas eu não tinha aceitado, ao passo que a professora perguntou para mim se eu tinha feito sozinha, confirmei que sim, então afirmou que a resposta estava certa. Esse episódio despertou admiração dos colegas a meu respeito, pelo conhecimento que eu havia demonstrado e pela minha postura firme de não me deixar intimidar. Infelizmente não pude continuar os estudos nesse ano, pois a minha família mudou-se para Ilhéus, outra cidade no litoral da Bahia.

O motivo da nossa ida para Ilhéus foi a separação da minha irmã mais velha, a professora Raimunda, minha fonte de idealização e inspiração. Essa minha irmã era muito inteligente e sempre gostou de estudar. Como se tratava de uma mulher, negra, pobre, de família com muitos irmãos, meu pai pôs obstáculos e proibições aos seus estudos.

Não obstante, pela insistência e ajuda de padrinhos, conseguiu ingressar num colégio particular que oferecia o curso de magistério em Maragogipe. Estudar nesse colégio foi algo que despertou atenção de todos, pois se tratava de colégio de acesso restrito tanto pelo aspecto financeiro como intelectual, por ser rigoroso e caro.

Muitas dificuldades financeiras foram enfrentadas para que Raimunda se mantivesse estudando. Muitas vezes era impedida de fazer provas por falta de pagamento. Em situações como essa, as colegas faziam “vaquinha” na sala para ajudá-la. E assim: rifas, rateios, gincanas, ela inventava para pagar o colégio e continuar os estudos. Nesse ínterim, Raimunda casou-se, começando outra jornada. Casada, engravidou na mesma época que a nossa mãe. As duas estavam com o mesmo tempo de gestação. Quando nossa mãe foi dar a luz, houve complicações no parto ocasionando sua morte. Recebendo a notícia, Mundinha (apelido da Raimunda), entrou em trabalho de parto, nascendo nessas circunstâncias, seu primeiro filho um dia depois da morte da avó. Esses

acontecimentos aguçaram ainda mais o desejo de vencer na vida e honrar a mãe que morrera e que acreditava na capacidade da filha.

Entre filhos e estudos, Mundinha concluiu o curso de Magistério. Essa conquista não foi só da Raimunda, mas de toda aquela gente que ela representava principalmente nossa mãe.

Logo conseguiu lecionar nas séries iniciais. Em seguida, fez especialização PREMEN¹-1970 (Programa de Extensão e Melhoria do Ensino Médio), em Salvador. Esse curso lhe outorgou o direito de ensinar Matemática no Colégio Polivalente, dando-lhe a liberdade de escolher horários e quantidades de aulas para lecionar. Como professora qualificada, Raimunda passou a ser rica na visão da época. Meu pai presenciou essa conquista reconhecendo o esforço da filha e o quanto ele havia errado em ter se oposto à continuidade dos seus estudos. Com a morte da mãe, a família ficou mais unida e Mundinha, se incumbiu em colocar todos os irmãos na escola. Assim, sem a resistência de nosso pai, seu Justino, tanto nós, os filhos mais novos como os netos, os filhos da Mundinha, não tivemos oposição aos estudos. Nosso pai reconhecera a importância dessa formação. Provavelmente foi a partir daí que ele se empenhou em aprender a ler e conseguiu essa façanha, aparentemente, sozinho.

O rádio era uma fonte cultural muito importante em nosso cotidiano. Ouvíamos de tudo, desde músicas, noticiários, futebol, novela, a voz do Brasil, a Ave Maria, Projeto Minerva, etc.

Em Ilhéus, Raimunda lecionou no Colégio Estadual e numa Escola de Ensino Fundamental Paulo Américo de Oliveira, onde eu e os meus sobrinhos estudávamos. No Colégio Estadual, Raimunda foi minha professora de Ciências quando cursei a 8ª série, depois dando sequência, fiz científico em outro colégio, Dom Eduardo.

Quando mudamos para Ilhéus, Mundinha ingressou no curso de Direito na FESPI ²e Isabel (irmã que me alfabetizou) fez Filosofia. Ambas prestaram concurso público para a Rede Pública de Ensino e lecionaram nos colégios em que eu e meus sobrinhos estudávamos.

Depois de concluído o Ensino Médio, passados alguns anos, fui para Belo Horizonte, com o intuito de fazer cursos profissionalizantes, haja vista a dificuldade de conseguir emprego em Ilhéus. Acabei ficando por lá, até 2006, quando vim para Brasília. Residindo há alguns anos, em Belô, casei com o Paulo Eugênio que por ironia do destino era meu vizinho em Ilhéus, e viera para Belo Horizonte. Temos dois filhos, Thiago e Jemima que estão na adolescência.

¹ PREMEN 1970 Programa de Extensão e Melhoria do Ensino Médio. Implantação das Escolas Polivalentes (EPs), de iniciativa do Governo Federal, no governo militar. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/dissertacao/2010/alda_quintino_dos_santos.pdf>

² Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna hoje Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Disponível em:< http://www.uesc.br/a_uesc/>Acessado em 24/06/2014.

Em Belô, fiz vários cursos teológicos e envolvi-me em atividades voluntárias. Uma delas foi o Seminário Internacional Veredas Antigas da Universidade da Família. Atuamos como facilitadores e passamos a coordenadores. Esse seminário rendeu uma sequência brasileira onde nós fomos precursores da Clínica da Alma, que abarcava além dos assuntos abordados no seminário, um espaço para as pessoas que precisassem de acompanhamento e tempo para conciliar suas questões emocionais e espirituais.

Ao deixarmos a Clínica da Alma viemos para Brasília, mais precisamente, Ceilândia - Sol Nascente. Quando chegamos, ao ver as condições em que se encontrava a chácara em que minha irmã Raimunda morava fora seu estado de saúde, percebi o porquê estávamos aqui. A nossa presença trouxe novos ares para o local. Meses depois, Raimunda veio a falecer.

Após esse acontecimento, quis voltar para Belô. Mas, Paulo quis permanecer. Então permanecemos. Ficamos abalados com a partida da minha irmã. Porém, sabia que novas coisas precisariam acontecer.

Em 2009, Paulo fez a minha inscrição para o vestibular da UnB. Fiz e passei, ele tomou ânimo, fez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), conseguiu passar e estudar História à distância, 100% financiado pelo programa Pro Uni³.

Desde que saí de Maragogipe nunca voltei lá. Depois de ingressar na UnB, fazendo o memorial, tive a curiosidade de pesquisar a cidade e encontrei diversos materiais e fotos. Entre elas a fábrica onde minha mãe trabalhou com carteira assinada numa época em que isso era raridade. Além disso, ela tinha filho quase todo ano. Ou seja, com 37 anos, ela já tinha tido 13 filhos, sendo eu a penúltima, vindo a ser a caçula porque o último bebê não resistiu depois de alguns meses de vida.

A minha trajetória na UnB

Cheguei à Faculdade de Educação no 2º semestre de 2009, ingressando no 1º semestre do currículo de licenciatura em Pedagogia com muito entusiasmo para desfrutar tudo o que me fosse possível em termos de conhecimentos.

Nesse 1º semestre (2º/2009) cursei as disciplinas com os professores: Rosângela de Antropologia; Tadeu de Filosofia da Educação; Elicio Pontes- Projeto I, Armando de Oficinas Vivenciais e Ângela Anastácio, Perspectivas do Desenvolvimento Humano. Entre todas, a argumentação da Oficina Vivencial achei muito necessária, pois a maioria dos que se apresentam no início do curso alegam que escolheram o curso por ser mais fácil para a aprovação no vestibular e

³ Programa Universidade Para Todos. Criado em 2004, pela Lei nº11.096/2005, tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos.

que não querem exercer a profissão como pedagogos. Enfim, a abordagem do professor levou os alunos a refletirem e muitos mudaram a maneira como se referiam ao curso Pedagogia.

Fizemos uma visita ao “Lixão” da Estrutural com a professora Rosângela da disciplina Antropologia, causou-me espanto. Porque Brasília é a terra dos sonhos dos que estão em outras localidades do país e de repente constatar tal situação de descuido e descaso bem próximo dos Tribunais Superiores de Justiça da Nação, do Presidente da República, Senado e Câmara Federal? Ou seja, quando estava na Bahia, ouvia o Governador dizer sempre que tinha uma situação grave para ser resolvida: vou para Brasília buscar recursos. E aqui...? Esta situação inspirou-me um poema:

Poema: Brasília

Em Brasília dezenove horas
Era a informação ouvida no rádio outrora
Dava a impressão de tudo rigoroso
Bem definido, bem cuidadoso
Um sonho..., tudo perfeito,
Tudo organizado, todos com seus direitos e
Deveres? ...
Vou para Brasília defender as causas
Dos necessitados, dos representados!
A utopia se ascendia quando, no palanque se dizia
Resolverei, pleitearei e recursos de Brasília, trarei.
ROCHA, Marize 2013

No 2º semestre matriculei-me nas disciplinas ofertadas pelo sistema. Fazendo o Projeto II com o Professor Renato Hilário, o tema EJA despertou-me interesse. O fato de exercer a profissão por amor, lutar pela causa, revigorou o sentido da escolha pela área pedagógica.

No 3º semestre fui orientada a engajar-me em projetos oferecidos no curso a fim de enriquecer a aquisição acadêmica. Assim, conheci a Professora Dr^a Maria Lídia Bueno Fernandes, professora da disciplina Educação em Geografia. Comecei a participar do Projeto III, Fase I – Geografia Para Além da Sala de Aula, participei das visitas a pontos históricos do começo de Brasília, realizadas a partir do procedimento de ensino do Estudo do Meio, despertando-me as recordações da lagoa em Maragogipe. No Sol Nascente, fazendo visita de reconhecimento da região, descobri a Lagoa do Japonês, onde, posteriormente, consegui realizar um Estudo do Meio que se tornou o tema deste trabalho final.

Na disciplina Introdução a Sociologia, com o professor Carlos Alberto, realizamos como trabalho final um jogo, com intuito de socializar os ensinamentos de Paulo Freire. Este jogo participou de várias exposições como: a Semana de Ciência e Tecnologia, 2011, 2012, Semana de Extensão da UnB em 2011 e, 2012 também.

Quando fiz a disciplina Orientação Educacional Vocacional, com a professora Olgamir Carvalho, no 6º semestre 2012, trabalhamos a história de vida, as trajetórias que durante a vida nos deparamos e fazemos escolhas. Senti-me encorajada a expor a minha vida pessoal sem receio de constrangimentos, fortalecida pelo entendimento de que não existe uma única possibilidade na vida e sim várias trajetórias cheias de possibilidades. (GOLDMAN, 1970)⁴.

Em todos os semestres participei de experiências interessantes, todavia quis destacar estas no momento.

No 6º semestre, do curso de Pedagogia, no Projeto IV, que constitui o momento da identidade do professor que ainda como estudante, vê sua imersão nas práticas educativas no contexto escolar formal. Esse momento implica na articulação teoria-prática, na perspectiva da contextualização do processo de ação e reflexão da ação docente, desenvolvendo e envolvendo o olhar observador, uma escuta sensível e postura de pesquisador da sua prática educativa. A imersão na realidade escolar implica numa reflexão e questionamento das práticas educativas e a participação na construção e desconstrução dos conceitos que envolvem a aquisição da aprendizagem, vivenciando as relações que podem gerar contradições e perplexidades. No Projeto IV fase I, desenvolvi o tema: Alfabetização e Letramento na EJA – focando a aquisição da leitura e escrita, pelo alfabetizando José Antônio Lucas de Oliveira, do Programa DF Alfabetizado-juntos por uma nova história (2012), na Escola Classe 66, no Sol Nascente em Ceilândia, onde atuei como alfabetizadora e estagiária. Naquele estágio, a asserção seria se a minha atuação contribuiu para a aquisição e ampliação da leitura e escrita pelo alfabetizando em questão. Com essa finalidade, utilizamos a pesquisa qualitativa individual, a observação e aplicação de testes que incitavam a uma ampliação do repertório de conhecimento. Trabalhamos teoricamente com o suporte de Piaget (1996), no que diz respeito à conceituação de “assimilação”, que segundo o teórico é a integração a estruturas prévias, que podem permanecer invariáveis ou podem ser mais ou menos modificadas no processo de integração do conhecimento adquirido, ou simplesmente acomodando-se à nova situação (CF.PIAGET, 1996, p.13⁵).

Já na reta final do curso, 7º semestre, correspondendo ao núcleo duro do estágio supervisionado que é composto por diferentes modalidades de trabalho com práticas docentes envolvendo a atuação do estudante num ambiente de sala de aula, ação praticada por mim desde a 1ª fase, e, nesse ambiente as teorias que estudamos em sala vêm ao encontro das necessidades do

⁴ "não podemos escolher o lugar em que nascemos... mas durante nossa vida, decidimos nós mesmos a forma como queremos viver". Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Emma_Goldman> Acessado em 12/ jul/2013.

⁵ A Inteligência como Adaptação: relação entre Acomodação e Assimilação. Disponível em: http://www.academia.edu/205969/A_Inteligencia_como_Adaptacao_relacao_entre_Acomodacao_e_Assimilacao >. Acessado em.08/jun/2012.

docente em sua atuação. Nessa nova fase, fui provocada a problematizar a questão da conquista do espaço no Sol Nascente, quem são os sujeitos desta comunidade. Sendo assim, o projeto de pesquisa teve o título: Lado a lado: a ocupação do espaço no Distrito Federal e o Setor Habitacional Sol Nascente em Ceilândia. Essa pesquisa buscou lançar o olhar para a realidade em que se desenvolvem as questões político-sociais que envolvem o Sol Nascente, a questão ambiental e a aparente ausência de políticas públicas concreta do Estado na localidade. Para este trabalho final redefini o tema, ficando assim: Lado a lado: a questão habitacional e a questão ambiental num recorte sobre o Setor Habitacional Sol Nascente e a Lagoa do Japonês em Ceilândia, no Distrito Federal.

Dando segmento ao assunto, este trabalho final de conclusão de curso buscou resgatar a temática desenvolvida no Projeto III quando iniciamos o Estudo do Meio tendo como o ponto de partida a Lagoa do Japonês e as nascentes do Sol Nascente, temas que geraram frutos importantes na minha atuação acadêmica junto à comunidade e representantes do governo e órgãos que trabalham com a temática do meio ambiente, pois tem me permitido ser uma estudante/moradora atuante. Reconhecemos, entretanto, as nossas limitações e a magnitude deste assunto que não se pretende esgotar neste TCC. Buscando a conclusão desta etapa da minha formação na graduação de Pedagogia, percebi que o meu envolvimento com a EJA e a minha trajetória escolar e acadêmica permitiu que eu seja considerada um exemplo e incentivo para os meus queridos colegas, alfabetizadores e alfabetizandos, de forma que prossigam com seus estudos. Pois, depois de muitos anos sem frequentar a sala de aula, consegui ingressar na UnB, quebrando paradigmas e mostrando que tudo é possível para quem crê, luta e não desiste.

A conquista da UnB devolveu-me uma perspectiva que antes estava sombria. E encontrar professores engajados na luta por uma sociedade inclusiva está sendo incentivo aos meus ideais profissionais.

Na IX Semana de Extensão da UnB-Extensão-espaço para a pesquisa em outubro de 2009, participei da atividade Educação de Jovens e Adultos – EJA: O desafio que nos une internacionalmente. Essa atividade estava sob a orientação da Professora Maria Luiza Pinho Pereira, foi ministrada pelos alunos participantes do Projeto III do Portal Fórum EJA, os quais expuseram com detalhes a situação da Educação de Jovens e Adultos em diversas localidades do mundo. Esta abordagem chamou a minha atenção, pois achava que a UnB não se importasse com esse tema.

Em outubro de 2010, na X Semana de Extensão da UnB: Brasília 50 anos/DiverCidades, uma das atividades que participei, como ouvinte, dos eventos: I Seminário Proeja-DF Integração da Educação de Profissional à EJA, realizado no auditório do CEP -Centro de Educação Profissional em Ceilândia, no mesmo local, a apresentação da produção: Ceilândia, 39 anos: Virtualidade e História em Movimento, fruto do Estudo do Meio realizado pelas discentes da disciplina Ensino de Geografia

com a mesma professora do Projeto III. Nessa ocasião comecei o engajamento com este segmento como estudante de Pedagogia da UnB, futura educadora popular e militante nas causas sociais.

Tive participação no Prodocênica/Capes 2011, projeto de pesquisa cujo objetivo tem sido compreender e qualificar a profissão docente, realizando diagnóstico das fragilidades e potencialidades dos cursos de formação de licenciaturas da Universidade de Brasília, no contexto mais específico, a formação dos pedagogos pela Faculdade de Educação. Infelizmente não pude permanecer até o final. Porém, o tempo que fiquei propiciou-me um mergulho na história do magistério, os avanços e estagnação desta profissão no decorrer dos anos e o esforço para otimizá-lo.

Como bolsista do Programa Bolsa Permanência da Universidade de Brasília, desenvolvido pelo Decanato de Assuntos Comunitários, pratiquei diversas atividades no campus Darcy Ribeiro. Quando ingressei no Projeto III, Geografia para além da sala de aula, sob a coordenação/orientação da professora Dr^a Maria Lídia Bueno Fernandes, as ações foram direcionadas à comunidade no Sol Nascente, em Ceilândia, de onde procedem as narrativas deste trabalho de conclusão.

Segunda Parte

1. Introdução

A “herança” de uma estrutura social desigual se fazem sentir em Brasília (e em todo o Distrito Federal), e a questão da moradia se constituiu num dos reflexos mais claros desta situação. (COELHO, 2006 p.7).

Ao perceber o drama que envolve a questão ambiental e a moradia na comunidade do Setor Habitacional Sol Nascente em Ceilândia, despertou-me o interesse em entender a formação do espaço no Distrito Federal, pois a criação de Brasília, foi planejada e sonhada por vários governantes chegando a fazer parte de um ideal de conquista para a nação. Motivo que atraiu os olhares e as expectativas de todos.

Como foi sendo processada a construção desse espaço? Como surgiram as Regiões Administrativas? Como se deu a ocupação do Condomínio Sol Nascente? De que forma isso impactou a Lagoa do Japonês? Tais questões foram temas do Estudo do Meio realizado na disciplina Ensino em Geografia, neste curso de licenciatura. Também foram abordadas, no Componente Curricular Projeto de Estudos e Pesquisas Educacionais - Projeto III: Geografia para além da sala de aula: *Educação em Geografia para além da sala de aula: questões teórico-metodológicas referentes ao ensino/pesquisa em Geografia*. A pesquisa ali iniciada teve desdobramentos no Projeto Educação e Sustentabilidade em área de risco ambiental: o ensino de Geografia como articulador do conhecimento cotidiano e científico, este, com apoio do Programa Bolsa Permanência da Universidade de Brasília, desenvolvido pelo Decanato de Assuntos Comunitários.

Por meio dessa pesquisa tive condições de conhecer a história do Sol Nascente, envolver-me com projetos que visam à valorização deste, o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a construção da história local por parte de seus moradores. Outro ponto de relevo da pesquisa tem sido a análise ambiental, com destaque para a temática dos recursos hídricos existentes na localidade. O espaço constituído pelos moradores revela a dinâmica política que envolve a trama da sociedade capitalista na capital dos sonhos, quem se apropria dos locais periféricos? Trata-se de ocupação ou invasão? (FERNANDES, 2012). Esta abordagem reflete o grau discriminatório que envolve a moradia no DF. Sendo assim, quando quis falar sobre a questão do espaço habitacional e ambiental no Distrito Federal, pretendi relatar a percepção sobre como se desenrolou a história de um empreendimento que propusera mudar a cara do Brasil, que quisera ocultar o passado escravista, das gentes mal amparadas pelo Estado brasileiro que, como “um faz de conta” mudaria o rumo da nação sem mexer de fato nas questões que o fizera ter esse passado. Brasília como uma cidade futurista, pretendia, na proposta de seus idealizadores, uma nova postura social. Todavia nos acontecimentos

iniciais de sua construção, com a presença maciça de sua gente pobre e mais que pobre que os idealizadores da nova capital pretendiam deixar para trás, vieram contrapondo nesse sonho, lograr oportunidade de vida melhor, fazendo-se pertencentes e participantes da história e da sua reconstrução. Os trabalhadores quiseram permanecer no Distrito Federal e participarem deste sonho. Mas o Governo do Distrito Federal juntamente com os órgãos que atuam nas questões habitacionais e ambientais ao longo dos anos demonstraram fragilidade nas ações emergenciais no tocante a propiciar acomodação para esses moradores conciliando habitação e reservas ambientais, em tempo hábil. Ou seja, a dinâmica da ocupação do espaço no Distrito Federal exigia ações rápidas por parte do governo para que os danos fossem minimizados tanto para a população como para o meio ambiente.

Assim, apreender a dinâmica histórica e geográfica que envolve o local, bem como compreender os desdobramentos políticos na conquista e formação do espaço que não é neutro, se constitui em um desafio que por meio da metodologia do Estudo do Meio tentei identificar.

O Estudo do Meio realizado na Lagoa do Japonês resultou neste trabalho que está dividido da seguinte maneira: na primeira parte, o memorial onde a pesquisadora fez um mergulho em seu passado resgatando lembranças e recordações que embasaram a sua escolha pela Pedagogia, em seguida começamos a pesquisa buscando o olhar da Geografia para a compreensão da questão habitacional e ambiental no Distrito Federal. Para tal voltamos os olhares para a construção de Brasília e os acontecimentos que levaram as áreas rurais próximas à capital a se urbanizarem. Introduzimos, então, o histórico sobre o Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol, fazemos um gancho sobre a habitação e os impactos ambientais. Essa abordagem sugere que a educação ambiental surja no cenário, daí apresentamos o percurso metodológico e o diálogo da moradora/pesquisadora com a região da Lagoa do Japonês. Nesse proceder relatamos o desenrolar da pesquisa realizada sobre a Lagoa do Japonês, que nos propiciou a criação do Site Nascentes do Sol Nascente, onde várias situações foram abordadas entre elas o lixo. Lançamo-nos em expedições para conhecer a região e realizamos entrevistas de moradores que compõem o Sol Nascente como também o Distrito Federal. Consideramos finalmente tudo o que foi apresentado e expomos nossas intenções futuras. Em seguida expomos os materiais que nos embasaram teoricamente, o cronograma que de forma simbólica condensou os procedimentos da pesquisa, o apêndice que mostra o Estudo do Meio da Lagoa do Japonês e as publicações do Site Nascentes do Sol Nascente como anexo e mapas.

Compreender as transformações contínuas que envolvem a construção e ocupação do espaço, como os desafios ambientais no Distrito Federal, constitui-se um desafio que por este trabalho pretendi abordar, contudo, sem pretensões de esgotá-los.

1.1 Educação do olhar da Geografia para a compreensão da questão habitacional e ambiental no Distrito Federal

O conhecimento geográfico contribui significativamente para a compreensão dos processos sociais em seus contextos espaciais. Permite que se compreenda os sujeitos inseridos em uma dimensão que desvela os componentes econômicos sociais, políticos e ideológico inscritos na paisagem. Assim, para entender o processo da formação do local (Sol Nascente) fomos nos inteirando das reflexões teóricas que nos possibilitou passar do conhecimento cotidiano para o conhecimento científico. Tivemos contatos com os livros que relatam a história de Brasília com os autores: Marília Luiza Peluso e Washington Candido de Oliveira em seu livro: *A Urbanização Brasileira, Distrito Federal paisagem, população e poder*, da Editora Harbra; as inquietações de Vesentini, sobre a trama da nova capital, planejada para manter à distância a população carente, no seu livro “*A Capital da Geopolítica*”; inclui-se nessas reflexões o geógrafo Aldo Paviani em suas diversas publicações sobre a segregação planejada que envolve o Distrito Federal. Com estas informações fomos instigados a pesquisar sobre o projeto inicial de Lúcio Costa, e nos deparamos com os planos para a nova capital traçados desde a época do Brasil império. Buscamos reportagens e documentários sobre Brasília e achamos vários interessantes, alguns abordando os cinquenta anos de Brasília, um deles publicado pelo Site Velhos Amigos⁶. Já Gustavo Lins Ribeiro no seu livro: *O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*, Editora da Universidade de Brasília, 2008, trouxe informações sobre como foram alojados os trabalhadores que vieram para a construção da capital. Em seu relato retrata o descontrole da situação referente ao abrigo e acomodação desses, pela constante chegada de migrantes em busca de trabalho, aglomeravam-se próximos aos canteiros de obras. Ao dispersarem-se, foram dando o contorno espacial do Distrito Federal e entorno. Na disciplina Ensino de Geografia tivemos contato com os textos de Lana de Souza Cavalcanti que nos instigaram a conhecer com mais profundidade os temas geográficos ligados ao ensino da geografia e à dinâmica da cidade nesse contexto. As autoras Nídia Pontuschka, Tomoko Pagananni e Núria Cacete, abordaram o Estudo do Meio como uma metodologia de ensino com a qual podemos ensinar e aprender Geografia de maneira envolvente, de forma que os acontecimentos históricos possam ser desvelados. Também fomos apresentados ao geógrafo baiano Milton Santos em sua problematização sobre o caráter perverso da globalização que

⁶ DUTRA, Lirka. Fundação da cidade de Brasília. Disponível em:

< www.velhosamigos.com.br/dataspeciais/diabrasilia.html>. Acessado em 23/jun/2012.

PAULA, Anna e Hugo, SEGWA. Brasília: utopia que Lúcio Costa inventou

Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3629>. Acessado em 12/fev/2012.

mantém uma parcela significativa da população na pobreza. O autor apresenta em seus textos o conceito de contraracionalidade, que é, para ele, uma maneira encontrada para resistir à lógica dominante. Nesse sentido, os habitantes das periferias sociais lançam mão de diferentes recursos tecnológicos para reconstruir suas possibilidades de inserção na vida urbana, e assim, ter acesso à cidadania, ou seja, ao direito de ter direitos. Dessa forma (re)modelam as paisagens desses locais, a partir da explicitação das contradições, isso possibilita a visibilidade dos conflitos territoriais. A presença desses conflitos, o entendimento da configuração territorial e das relações de poder estabelecidas foram importantes na compreensão da formação do Sol Nascente.

Outra leitura de relevo insere a perspectiva do processo de ensino/aprendizagem foi o texto: Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos, uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia de Lana de Souza Cavalcanti, nesse trabalho a autora dialoga com Vygotsky com o objetivo de apresentar os processos mentais dos educandos no processo de apreensão das questões espaciais, ligadas ao ensino de geografia.

Yves Lacoste em seu livro “A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, apresenta a geografia escolar em seu potencial transformador, tendo em vista que esse conhecimento permite identificar as especificidades de cada localidade. Assim, afirma que quem domina os conteúdos de Geografia dispõe de vantagem no jogo de interesses e disputas políticas, econômicas e culturais em todos os níveis, local, estadual, nacional, bem como mundial. Essa abordagem evidencia que a formação de aglomerados como o Sol Nascente e Pôr do Sol, não acontecem por acaso, pois há tramas envolvendo o conflito Capital-Trabalho que interferem na formação desses espaços. Afirma ainda que esses (espaços) não são neutros e que esses são apropriados pelas classes sociais de acordo com seu poder aquisitivo, político, entre outros. Assunto também abordados por Santos e Cavalcanti, em suas inquietações. (SANTOS apud CAVALCANTI, 2004, p. 99).

“Saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber ali combater” (Lacoste 1988, p.189), revela Brasília. As estratégias utilizadas no processo do desenvolvimento globalizado, e ao mesmo tempo local, forma um contexto de espacialidades diferenciais de transformações econômicas, culturais e políticas, que segundo Lacoste faz perder as particularidades que antes eram marcas de referências individuais de cada região, estado ou país.

Nesse contexto de globalização foi questionada a tendência neoliberal apoiada pelas grandes potências capitalistas que incentivam o afrouxamento das fronteiras nacionais dos países considerados periféricos ao sistema. Dessa forma, apregoa-se a atuação mínima do Estado, legando ao mercado a auto regulação, todavia, segundo Morais essa postura penaliza ainda mais a população de baixa renda, que desprovida dos investimentos capitalistas sofre com a ausência do Estado, agravando as questões que envolvem a habitação e o meio ambiente.

Na abordagem neoliberal, as questões ambientais perdem importância, pois são vistas como entraves aos empreendimentos e às ações empresariais. Daí, a necessidade de uma alfabetização ecológica, para que a população seja envolvida e informada sobre os problemas ambientais e seus impactos em suas vidas. Jovieles Vitório Trevisol faz um apanhado histórico das movimentações ambientalistas em que cita teóricos como Edgar Morin, Leonardo Boff, entre outros, que alertam sobre os riscos ambientais em que a sociedade está imersa e sobre as medidas passíveis de serem adotadas pelos cidadãos, em busca de um modelo menos degradante, entre essas medidas podemos citar: mudanças de hábitos no que se refere ao consumo dos recursos, à mobilidade, à deposição de dejetos, ao uso da água, ao consumo de mercadorias, entre outros. Tal posição defendida pelos ambientalistas começou a ser disseminada, a partir da década de 1960 por meio das conferências ecológicas realizadas em diferentes países. Como resultado muitas leis foram promulgadas com a intenção de reverter o processo de degradação ambiental.

Nesse contexto, a Educação Ambiental ganha ênfase, abordada inicialmente como mecanismo para a preservação florestal. Com o passar dos anos percebeu-se a necessidade de agregar a esta educação/formação a consciência cidadã. Buscando a integração do ser humano com a natureza de forma que, como habitante deste planeta seja respeitador como componentes do mesmo sistema e compreenda a interdependência sistêmica. Provavelmente as discussões sobre o meio ambiente influenciaram o Distrito Federal na promulgação de leis que visassem a conservação dos seus recursos hídricos. Todavia, a política, a burocracia e a corrupção são fatores que atuam como deformadores no processo de preservação ambiental. Segundo o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT), o Distrito Federal é todo regido por leis que visam protegê-lo. Porém, encontramos muita dificuldade de resolver questões como o da Lagoa do Japonês, no Sol Nascente.

As mudanças desejadas são mediadas pela educação, por outra forma de ler e perceber-se no mundo, segundo Paulo Freire. Abordar questões, refletir sobre elas e buscar formas conciliatórias, neste caso, entre habitação e conservação do meio ambiente torna-se um desafio que o livro Educação e Sustentabilidade: Caminhos e práticas para uma educação transformadora, dos autores: Pedro Roberto Jacobi; Fernando Monteiro e Maria Lídia Bueno Fernandes, ajuda-nos a praticar. Com o estudo do meio como intervenção pedagógica, a autora conta a experiência da utilização desta metodologia de ensino com resultados positivos. Corroborando com Pontuschka em seu texto: O estudo do meio: momentos significativos de apreensão do real.

Com base nesses referenciais, lançamos o olhar para apreender a realidade de Brasília e do Distrito Federal, bem como do Sol Nascente, em especial.

1.2 A construção de Brasília (pelos trabalhadores)

O entusiasmo de construir uma nova capital e nela projetar as mudanças e o desenvolvimento do país, contagiou toda a nação. Todos sonharam lado a lado, porém de formas diferentes sobre como construir a vida na nova capital. Esta forma diferenciada de sonhar serviu como gênese dos conflitos sociais e ambientais.

"Eu vou pra Brasília, porque lá tá começando, é mato, tá começando é lugar de gente bruto mesmo, assim." Aí vim pra cá. Clementino Cândido do interior de Minas Gerais ouviu pelo alto-falante o anúncio de que Brasília oferecia possibilidades de trabalho. (CÂNDIDO, 1990, p.7).

Inicialmente as construtoras abriram escritórios em diversos lugares do país recrutando os trabalhadores para a construção da capital. Essas construtoras eram responsáveis pela hospedagem dos contratados. Nesse contexto, dava-se preferência para homens solteiros ou casados, porém desacompanhados da família. Os alojamentos faziam parte do próprio canteiro de obras. Quando a construção de uma obra era concluída, imediatamente assumiam outra. "Com trabalho no ritmo acelerado, horas extras e dinheiro em mãos, criou-se expectativas favoráveis para que mais trabalhadores viessem" (RIBEIRO, 2008, p. 127).

Somado à promessa de emprego, temos o fato do nordeste brasileiro afetado drasticamente pela seca ter colaborado para a saída em grande proporção de seus habitantes, os quais viram na construção de Brasília, a oportunidade de refazerem suas vidas. Por causa da seca, os trabalhadores começaram a trazer seus familiares, os quais, possuíam pouca ou nenhuma qualificação profissional e baixo nível de escolaridade.

Os qualificados, ou seja, os funcionários públicos, após a inauguração de Brasília, receberam incentivos para fixarem moradias no Distrito Federal. Segundo (Gonçalves e Del, 2010), o Lago Paranoá foi uma forma de incentivo e atrativo para os funcionários públicos acostumados às praias do Rio de Janeiro. Desta maneira, o Distrito Federal passou a fazer parte da história brasileira, como lugar de oportunidades e algumas regalias. Muita gente vê Brasília, até hoje, a partir desta ótica. As facilidades obtidas com relação à moradia e benefícios assistencialistas continuam atraindo pessoas. Além de ser a capital dos concursos públicos.

A vida no Distrito Federal proporcionava vantagens salariais diferenciadas em comparação com os mesmos cargos e trabalhos em outros locais da nação. Isso foi um dos motivos que contribuiu para a contínua chegada de trabalhadores impulsionando a formação das "cidades satélites" antes mesmo da inauguração da capital, Brasília. (SEDHAB-Dinâmica Territorial do Desenvolvimento Urbano, 2007 p. 27).

A questão da moradia foi se constituindo num dos reflexos mais claros das desigualdades sociais no Distrito Federal. Lado a lado entre Brasília, as Regiões Administrativas e o entorno. Isso

porque com a contínua chegada de trabalhadores, as aglomerações em torno dos canteiros de obras aumentaram drasticamente, a ponto dos trabalhadores serem proibidos de permanecerem na região central do Plano Piloto. Estes assuntos foram noticiados pelos jornais de forma pejorativa sobre a formação de “favelas” na área destinada a “nossa” capital pelo Jornal Tribuna da Imprensa, em 16 de maio de 1958.

Assim, as pessoas impedidas de fixarem moradias nas imediações do Plano Piloto, foram impelidas para regiões mais distantes, formando vilarejos, ocupando áreas rurais e degradando o meio ambiente. Surgiram loteamentos clandestinos fruto de ocupações, grilagens e especulação imobiliária. (SEDHAB: Dinâmica Territorial do Desenvolvimento Urbano, 2007 p. 28). A preocupação dos idealizadores inicialmente concentrava-se na construção da capital que tinha restrições ao número de habitantes, pensavam em erigir cidades para os trabalhadores após a inauguração da capital.(ibid, p. 27).

Em meio à necessidade de moradias para os trabalhadores, a construção de Brasília já estava fazendo parte da história de vida destes, pois, se propuseram a vir e não queriam retornar para seus lugares de origem do mesmo jeito, e com as ameaças de serem transferidos, usaram várias estratégias. Uma delas foi colocar o nome da primeira dama, Sara Kubistchek, numa vila formada por eles. Por causa desse apelo, os moradores dessa vila foram os primeiros a ser removidos para a primeira Região Administrativa do Distrito Federal, Taguatinga em 1958.

“Taguatinga é criada em 1958 para o desafogo da pressão exercida pela massa operária que clamava por melhores condições de moradia, aproveitando a presença de Juscelino Kubitschek, empunhando cartazes: ‘Queremos ficar onde estamos’”. (PAVIANI, 1991, p. 125).

Outras mobilizações populares foram realizadas em diversas circunstâncias propiciando o surgimento das cidades satélites⁷, assim que Brasília foi inaugurada, em 1960 (VESENTINI, 1987, p. 207). Atualmente, o Distrito Federal conta com trinta e uma Regiões Administrativas (RA), sendo a RA Fercal a mais recente a ser reconhecida, em janeiro de 2012.

⁷ O termo “cidade satélite” entrou em desuso pelo decreto 19.040, de 18/02/1998. Disponível em:<<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:distrito.federal:distrital:decreto:1998-02-18;19040>>. Acesso em 25/abr/2014.

1.3 Áreas rurais se urbanizaram

No Plano Piloto de Lúcio Costa previa-se um cinturão verde ao redor das Regiões Administrativas⁸ propiciando equilíbrio ecológico. Nesse cinturão teria o cultivo de produtos hortifrutigranjeiros para abastecer a população, pelos produtores rurais destas localidades. No desencadeamento das ocupações das “cidades satélites” as áreas rurais foram sendo urbanizadas. É o caso de Vicente Pires, que surgiu na área rural de Taguatinga, o Sol Nascente em Ceilândia e situações semelhantes estão ocorrendo na zona rural de Samambaia e Sobradinho, entre outras, dando início a conurbações⁹. (SEDUMA: Meio Urbano ZEE DF, 2007 p.41).

O Planalto Central, antes da construção e transferência da capital era considerado como região de baixa densidade demográfica. Com esse advento passou a vivenciar um constante aumento populacional mesmo antes da inauguração da capital, até os nossos dias, 2013.

Atualmente, o Distrito Federal possui cerca de 2.790 milhões de habitantes, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2013), com perspectivas de que esse número continue aumentando. O acréscimo populacional ocorre desfavorecendo as condições habitacionais para a população de baixa renda, levando muitos a morar em lugares inadequados como as áreas de risco ambiental e de preservação permanente. Atua ainda favorecendo também a formação de aglomerações.

A questão habitacional é um problema rotineiro no Distrito Federal e levado a panos quentes durante longos anos, segundo (Flósculo¹⁰ 2011), o Distrito Federal nasceu vocacionado às ocupações habitacionais irregulares e um dos motivos para que continue acontecendo é o populismo. Aliado ao populismo, a morosidade nas resoluções habitacionais e ambientais tem sido um forte agravante, pois durante anos seguidos foram adiados as responsabilidades e os desconfortos das medidas não populares com relação à habitação. A ausência do Estado corroborando com a posição neoliberal¹¹ predominou por anos, deixando nas mãos do mercado a comercialização habitacional. Aliado à burocracia há à morosidade nos processos de regularização e liberação de áreas para a habitação, as

⁸ O termo “Região Administrativa” entrou em vigor em 18/02/1998 pelo decreto 19.040. Disponível em: <<http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:distrito.federal:distrital:decreto:1998-02-18;19040>>. Acesso em 25/abr/2014.

⁹ É o fenômeno que ocorre quando as áreas rurais dos municípios vão sendo tomadas por edificações urbanas até chocar-se com a outra cidade. Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/geografia/conurbacao.htm>> . Acesso em 25/abr/2014.

¹⁰ Jornal Folha de Goiás Notícias, 2011. Disponível em: <folhadegoias.blogspot.com/2011/.../capital-tem-segunda-maior-favela-do>. Acesso em 07/junho/2013.

¹¹ Neoliberalismo: sistema em que o governo deixa na mão do mercado a maioria das resoluções e ajustes econômicos e sociais. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/neoliberalismo/>>. Acesso em 05/mai/ 2014.

trocas de governo, que muitas vezes contribuíram com a paralisação de projetos que estavam em andamento, afetando os processos para disponibilizar e estruturar áreas para moradias, prejudicando mais a população carente. Situação vivenciada pela comunidade do Sol Nascente.

2 Histórico do Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol. Maior comunidade em área irregular no país.

Buscando lançar um olhar a respeito das questões que envolvem a habitação e o meio ambiente na comunidade Sol Nascente, mergulhamos numa pesquisa da história da formação desse espaço, com intuito de desenvolver a educação ecológica nessa comunidade, como também o interesse pela conservação dos recursos naturais com vistas às próximas gerações, pois os moradores são agentes construtores da história local, que juntamente com o governo podem efetivar projetos estruturais que propiciem a conservação das áreas na localidade. Tais ações podem propiciar a melhora da qualidade de vida para a comunidade.

Entendemos que as mudanças desejadas são moldadas pela educação, por outra forma de ler e perceber-se no mundo. Abordar questões, refletir sobre elas e buscar formas conciliatórias, nesse caso, entre habitação e conservação do meio ambiente, constitui no desafio num contexto mundial. Em se tratando do DF e em especial do Sol Nascente, até ao momento, tem-se verificado que punições não tem resolvido a questão ambiental, nem tão pouco, decretos, tornando-se relevante a abordagem destes temas também de forma acadêmica visando somar forças para despertar ou mesmo relembrar aos órgãos públicos a necessidade de se estabelecer parceria com a população, desenvolvendo ações educativas permanentes favorecendo a construção de uma postura amigável da comunidade com as questões ambientais.

O Setor Habitacional Sol Nascente¹² faz parte da área de Regularização e Interesse Social criada pela Lei Complementar nº785 de 14 de novembro de 2008. Estes condomínios surgiram a partir de 1990 e se desenvolveram na Região Administrativa IX - Ceilândia, numa área considerada de fragilidade ambiental, situada entre o P Norte e P Sul desta Região Administrativa. Possui Áreas de Preservação Permanente (APP), rupturas de relevo e solos hidromórficos. Estão inseridos em parte na Zona Urbana de Dinamização e Zona Rural de Uso Diversificado, conforme a Lei nº 17 de 1997. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio atua como administrador responsável desta área. (CODEPLAN: Pesquisa Distrital Por Amostra de Domicílios - PDAD-2013).

A comunidade que se desenvolveu nesse setor tem despertado os olhares do Brasil por se constituir como a maior comunidade em área irregular do país, localizada próxima à Brasília e dos poderes que deveriam evitar tal situação. Pelos dados do IBGE de 2010 esses condôminos somam

¹² Segundo o Estudo de Territórios de Vulnerabilidade Social, CODEPLAN/SEDEST-DF-2013, o Pôr do Sol faz parte da mesma comunidade. Entretanto nesse trabalho damos ênfase ao Sol Nascente. Disponível em: <www.codeplan.df.gov.br/...pesquisas.../295-pesquisa-distrital-por-amostr> Acessado em: 17/mar/2014.

cerca de 56.483 pessoas. Porém, segundo o secretário de segurança do Distrito Federal, Sandro Avelar, essa quantidade pode chegar a 130.000¹³. Pelos dados obtidos no relatório para subsidiar a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN – PAD, 2013) com vistas ao planejamento urbano estratégico do local, são cerca de 78.312 habitantes. Ou seja, são bastante imprecisos os dados sobre o número de habitantes deste setor, isso denota a fragilidade da questão e oferece dificuldades às pesquisas sobre o tema, bem como às ações governamentais.

Segundo relato de moradores fundadores desse setor habitacional, os carroceiros que no ano de 2000, eram numerosos na localidade, decidiram, cansados de serem acuados por não terem onde morar nem onde cuidar de seus animais, fundar uma associação: Associação dos Carroceiros¹⁴. Por meio desta associação compraram uma chácara nesse setor e dividiram-na em lotes menores e construíram casas formando um pequeno condomínio. A partir daí, como o negócio deu certo e havia demanda por moradias por todas as partes do DF, pessoas de diversas localidades fizeram o mesmo, iniciaram a compra e venda de lotes que se estendeu, pelas bordas de Ceilândia Norte, até o P Sul. Ceilândia é a IX Região Administrativa do Distrito Federal, criada em 1971 através da CEI – Campanha de Erradicação de Invasões, quando foram removidos moradores de diversas ocupações de áreas próximas ao Plano Piloto.

O Setor Habitacional Sol Nascente surgiu numa área antes destinada à zona rural pertencente à Fundação Zoobotânica do Distrito Federal, administradora das terras rurais do DF e Terracap, nos termos dispostos na Lei nº 4.545, que estabelece áreas rurais em todo o Distrito Federal, como um cinturão verde ao redor de cada RA, com finalidade de abastecer as cidades com produtos hortifrutigranjeiros. (SEDUMA: ZEEDF, 2007, p. 14)

A FZDF firmou contrato de posse dessas terras com vários trabalhadores rurais muitos deles japoneses vindos do Sul do país, convidados pelo então presidente Juscelino Kubitschek para desenvolverem a agricultura no DF. (SEDUMA: ZEE-DF, 2007, p.46).

As fazendas antigas existentes antes da fundação de Brasília foram desapropriadas e posteriormente divididas em partes menores e repassadas por contrato de concessão para os agricultores. Entretanto, devido às dificuldades que esses agricultores vieram a enfrentar e o grande assédio dos grileiros, começaram a repassar para terceiros o direito de posse, como o exemplo do Senhor Greco da Silveira Petrônio que arrendou um imóvel na área rural, em 1984, esse terreno de 50

¹³ Dados obtidos a partir de relato do Senhor Avelar em reunião sobre segurança no Sol Nascente, ocorrida em março de 2013, na Escola Classe 66, Trecho III do Sol Nascente.

¹⁴ Relato de Vilma dos Milhomenes, moradora do Trecho II, membro da prefeitura comunitária do Sol Nascente obtido por meio da pesquisa e estudo do meio para a Oficina de Vídeo, 1º/semestre de 2011.

(cinquenta hectares) pertencente a Companhia Imobiliária de Brasília, foi repassado por Cessão de Direitos para o Senhor Taki Láí. (SEDUMA: ZEE-DF 2007, p. 15,18. Ofício de Registros de Títulos e Documentos).

A partir de 2001 começaram-se as repartições no setor de chácaras, formando o Trecho III onde fica a Lagoa do Japonês. Esse senhor Taki Láí represou as águas de várias nascentes da localidade e também águas desviadas de outros locais para regar as suas plantações, formando a Lagoa do Japonês.

Segundo consta, a Chácara II era uma das maiores do Setor antes de ser loteada. O imóvel foi parcelado, inicialmente, em lotes com 300 metros quadrados, mas devido à grande procura, reduziram para 250m², posteriormente, 200 m². Atualmente, existem lotes de 150m².

Com todo o avanço urbano sobre as áreas rurais, e com o fracionamento das chácaras para loteamento, há poucas áreas de chácaras que se mantiveram com seu tamanho e sua função originais. As exceções são as: Chácara 54 A, Condomínio Araras (53 A/4), Chácara 53, Chácara 85, Chácara Vila da Paz, Chácara 31, Chácara Dois A/QNP 29 e a Chácara Cachoeirinha. Essa afirmação era verdadeira até o ano de 2013, mas com a realidade dinâmica que vive a localidade, não se pode afirmar que todas ainda estejam intactas. Nesta lista inclui-se a do Sr. Alcir Lopes, padrinho¹⁵ da nascente Kuntágua que tem uma história de luta pela conservação do local. Segundo contam, os chacareiros que resistiram ao parcelamento das chácaras fizeram parte da comissão de consulta para o planejamento do território pelo Plano de Ordenamento Territorial (POT) o qual foi aprovado pela Resolução 31/86 do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (CAUMA) e pelo Plano de Ocupação e Uso do Solo (POUSO) na década de oitenta. Todavia, o projeto não foi concretizado por diversas causas entre elas a descontinuidade dos programas do governo. (SEDUMA: PEOT, 1999).

Por se tratar de área de preservação permanente (APP), as construções não eram permitidas, recebendo notificações da AGfís, Agência Fiscalizadora do GDF, e ameaçadas de serem derrubadas. Nessas ocasiões apareciam políticos populistas para demonstrar compaixão e poder. Um em particular conseguiu mandatos na Câmara Distrital. Curiosamente esse parlamentar distrital aparecia na comunidade na hora em que haveria derrubadas e resolvia a situação impedindo que se concretizassem as demolições. Agindo desta maneira conseguiu os votos da comunidade que o elegeu duas vezes consecutivas. Todavia os moradores começaram a relacionar os fatos e desconfiaram da amabilidade do tal político. Tempos depois este parlamentar distrital teve o seu mandato caçado por irregularidades nos seus procedimentos políticos.

¹⁵IBRAM: Programa adote uma nascente. Disponível em: <file:///C:/Users/P/Documents/qualidade%20de%20vida/O-programa-adote-uma-nascente-no-Distrito-Federal.pdf>. Acesso em 20/jul/2010.

De outras maneiras vários políticos atuaram no Sol Nascente buscando angariar votos ao defender as causas da comunidade, em outras palavras: formar um “curral eleitoral”. Mas esta ideia tem dividido os líderes comunitários motivando uma fragmentação dos votos da comunidade.

Muitas ações políticas querendo exercer o controle, acaba por descontrolar pois nas medidas antecipadamente planejadas para resguardar Brasília, o Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol, vieram a calhar como um mal necessário, ou seja, dispor de local para moradia da população carente distante do Plano Piloto. Este pode ser um dos motivos da aquiescência do governo para deixá-lo se expandir. Todavia, este setor, tem chamado a atenção de toda a nação por se tratar do maior aglomerado do país revelando uma contradição, por se localizar ao lado da capital do país, o centro político e administrativo.

2.1 A habitação e os impactos ambientais

A construção de unidades habitacionais sem planejamento e análise de impacto ambiental, muitas vezes, ocasionam danos irreversíveis aos recursos naturais, principalmente os hídricos, por isso o governo delimitou áreas de proteção, conforme (Lei nº12.651/12), pois em sua maioria, as habitações e cidades surgiram à beira de algum curso d’água e sem os devidos cuidados. Isso levou e tem levado à degradação e a poluição dos mananciais.

As regras que delimitam áreas para a ocupação residencial são transgredidas por pessoas dos vários níveis sociais provocando o agravamento dos problemas ambientais. A questão burocrática contribui para a demora na resolução de impasses que do ponto de vista da população poderia ser rapidamente solucionados. Também tem a tramitação de documentos e propostas entre vários órgãos e se houver algum embargo ou indeferimento, todo o processo fica impossibilitado de seguir adiante. Nesse ínterim, as situações ambientais que precisam de socorro imediato sofrem e, em muitos casos, o dano torna-se irreversível por causa da demora. O próprio Plano Estrutural de Ordenamento Territorial reconhece esse problema. (SEDUMA: PEOT, 1999).

A gestão dos recursos hídricos no Governo do Distrito Federal envolve vários órgãos os quais dividem entre si as ações de fiscalização, melhoramentos, sanções e investimentos: IBAMA, SEDUMA, TERRACAP, NOVACAP, DER, SLU, SIV-SOLO, Administração Regional, ANA, CAESB, entre outras. Entretanto, “percebe-se que são necessárias negociações para que o diálogo não esbarre nos protocolos”. (TERRACAP: Relatório de Impacto Ambiental, 2006, PROGEA, p.722).

Segundo o Plano de Gerenciamento Integrado de Recursos Hídricos do Distrito Federal-PGIRH, a capacidade hídrica do DF é suficiente para atender a demanda tanto para abastecimento do consumo pela população como para atividades econômicas de lazer e turismo. No entanto, “ressalta-se enfrentamento de situações conflituosas relativas ao uso múltiplo da água decorrentes de dificuldades para atendimento de demandas em aspectos quantitativos e qualitativos”. (SEDUMA: PDOT, 2007, p. 46).

O Governo do Distrito Federal (GDF), ao longo dos anos tentou “coibir a ocupação habitacional às proximidades de Brasília” com o intuito de resguardá-la em todos os sentidos inclusive, por precaução de esgotamento d’água. Todavia, o distanciamento consentido para a expansão de muitas RAs coincidiu com as áreas de mananciais. Esta situação não é restrita ao DF. (SEDUMA: PDOT, 2007, p. 4).

Para proteger áreas de alimentação e manutenção dos recursos hídricos, foram formuladas leis que estabeleceram medidas de conciliação entre a habitação e a conservação de mananciais: as Áreas de Preservação Permanente- APP que são áreas protegidas legalmente, de forma que assegurem a preservação de áreas de mananciais, entre outras. Assim, protege-se as áreas situadas ao redor de nascentes ou olho d’água, sendo que em um raio mínimo de cinquenta metros não poderá haver supressão de vegetação, ou qualquer tipo de ocupação de forma que a bacia hidrográfica fique protegida. Inserem-se nessa concepção de APP ao redor de lagos e lagoas naturais, sendo protegida uma faixa com margem mínima de trinta metros para os que estejam situados em áreas urbanas consolidadas, conforme (Lei nº12. 651/12).

Com essas regras era de se esperar que as construções civis respeitassem os limites para a preservação das APPs principalmente no Distrito Federal, por se tratar de uma área reduzida e por ter instalada a sede de vários órgãos ambientais. Contudo, a situação não é melhor que as outras regiões do país, nos levando a reconhecer a necessidade urgente de propagar uma educação ambiental que nos capacite a respeitar a natureza, ler o mundo segundo (FREIRE 1988) de forma que sejamos capazes de entender que somos dependentes dos recursos naturais para sobreviver e por isto devemos ter visão de sustentabilidade e desenvolver novas práticas e posturas.

Nesse sentido, e entendendo que esses novos hábitos e posturas precisam ser praticados mundialmente, os ativistas que atuam nessa causa propuseram vários objetivos para serem alcançados através de uma educação ambiental.

2.2 A Educação Ambiental surge no cenário

O desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos, fazem parte do arcabouço e ideais dos que desejam um mundo sustentável. (Artigo 5º da LEI. 9.795 de 1999, Educação Ambiental). Conforme esta lei, a educação ambiental é um processo de construção de valores e conhecimentos, onde podem ser despertadas habilidades e atitudes voltadas para a conservação ambiental.

Ao longo dos anos têm sido debatidas as condições ambientais, os riscos a que todos estão expostos por causa do excesso de consumo, poluição, excesso de lixo lançado no meio ambiente etc. Além do aumento populacional que abrange vastas regiões e em muitos casos desenvolve-se perto de rios, lagos e nascentes, aliás, a maioria das cidades foram formadas perto deles e por causa deles, como no caso do Distrito Federal que teve como fator de escolha do local para a sua fixação a abundância de águas. (PELUSO, 2006). São várias as bacias hidrográficas¹⁶ que servem de apoio para o abastecimento do Distrito Federal. Entretanto, os planos que levaram as Regiões Administrativas para mais distante de Brasília e o aumento constante da população no Distrito Federal e entorno, tem colocado em risco a qualidade e a quantidade de águas destas bacias, visto que estão sendo desenvolvidas áreas habitacionais próximas aos locais de nascedouros destas bacias, comprometendo os lençóis freáticos que as alimentam. Deste modo, torna-se urgente um projeto de educação ambiental que contemple essa temática, para que os danos causados pelo homem sejam amenizados. Considerando o descaso com que o poder público aborda esse tema, entendemos que são os políticos, os funcionários públicos, os movimentos sociais, os que exercem funções de liderança e os que influenciam nas deliberações, os primeiros candidatos a receber formação na temática ambiental. Estendendo-se, na sequência, para toda a população, pois a falta da consciência ecológica nos torna uma sociedade de risco. A Resolução 19 da Declaração sobre Meio Ambiente em Estocolmo, afirma que:

É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos, para expandir as bases de uma opinião pública bem informada e propiciar uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades, inspirada no sentido de responsabilidades quanto à proteção e melhoria do meio em toda sua dimensão humana. (DIAS, 2002, p.52)

¹⁶ Sete bacias hidrográficas compõem a estrutura hídrica superficial do Distrito Federal: Bacia do rio São Bartolomeu; Bacia do lago Paranoá; Bacia do rio Descoberto; Bacia do rio Corumbá; bacia do rio São Marcos; Bacia do rio Preto e Bacia do rio Maranhão. Também fazem parte do sistema hidrológico os lagos Paranoá, Descoberto e Santa Maria, todos concebidos por represamento, sendo que o primeiro dentre outras funções, tem o aproveitamento hidroelétrico e os demais são utilizados para atender às necessidades de abastecimento de água.

Uma das metodologias a ser utilizada para essa educação ambiental pode ser o Estudo do Meio porque tem demonstrado ser capaz de propiciar uma aprendizagem significativa levando os participantes a mudanças de posturas, compreendendo a inter-relação com seu meio. (FERNANDES, 2009). Reaprender a reconhecer-se como integrante da natureza e dependente dela e buscar alternativas para minimizar os gastos e estragos, entendendo que muitos recursos da natureza não são facilmente renováveis. A questão da água por exemplo, o reconhecimento de que a água que sai da torneira, na maioria das vezes, vem de uma nascente, pode levar a população que mora próxima aos mananciais a respeitar as nascentes com mais consciência, evitando que sejam aterradas.

A Educação Ambiental não é um assunto novo. Foi a partir da década de 1960 que o tema começou a ser abordado com frequência, por meio de conferências internacionais realizadas em vários países. O Brasil sediou em 1992, a Eco-92, onde várias intenções para amenizar a situação ambiental foram formalizadas.

Antes das conferências EA, as leis de preservação florestal já sinalizavam medidas de proteção. Todavia por decretos. A Educação Ambiental busca o envolvimento e o desenvolvimento do ser cidadão como parte integrado com a natureza.

3. Percurso metodológico e o diálogo da moradora/pesquisadora com a região da Lagoa do Japonês.

Apesar da Educação Ambiental não ser algo novo, as dificuldades que enfrentamos para resolver questões ambientais no Distrito Federal passa por muitos trâmites que dificulta a ação rápida que poderia salvaguardar espaços ambientais ameaçados como a Lagoa do Japonês e as nascentes restantes nessa região, por conseguinte nos envolvemos na realização de um Estudo do Meio com a finalidade de desencadear ações contundentes.

O Estudo do Meio é uma prática da pesquisa investigativa, que nos ajuda a ampliar o conhecimento daquilo que estudamos em sala de aula. Por meio dessa prática adquirimos uma postura de investigador/pesquisador e participante. Quem utiliza este tipo de abordagem procura perceber não somente os aspectos do ambiente físico, concreto, mas aquilo que não se leva em conta em uma pesquisa tradicional. Analisa-se a inter-relação entre o ambiente natural e cultural, assim, observa-se a vegetação, os recursos hídricos, a fisionomia da paisagem conservada e as que estão em constantes transformações produzidas no decorrer do tempo, pela apropriação do ser humano. A vista disso, são analisadas as marcas deixadas na paisagem, referentes à sociedade que a produziu. Revelar, enfim, o que ficou esquecido na memória, como foram dados os primeiros passos, as sequências de acontecimentos e construções mentais que culminaram com tal acontecimento, a formação e apropriação daquele espaço. Para Santos (1999) um dos papéis da Geografia é contribuir para o desvelamento dessa paisagem, no sentido de um profundo entendimento das relações que se estabelecem no espaço habitado.

Nesse sentido, “o Estudo do Meio, ao propor uma observação integrada do espaço geográfico, oferece possibilidades de aprendizagem qualificada” (ERNANDES, 2009 p. 73) essa metodologia pressupõe um processo de construção conjunta. Isto leva os alunos ao desafio de uma elaboração teórica onde se faz necessário a preparação previa para a saída de campo, onde as atividades envolvem questionamentos que são capazes de propiciar uma visão crítica e também sejam capazes de se reconhecerem como construtores da história e desenvolvam uma postura problematizadora a respeito do espaço em estudo. (FERNANDES, 2009, p. 73)

René Barbier (2002, p.67) direcionando-nos nos procedimentos e metodologias na abordagem da Pesquisa – Ação de onde as perguntas: o que, quem, onde, quando, como, por que, instiga-nos a buscar as respostas. Por isso, fomos pesquisar em documentos a situação do Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol. Também buscamos conhecer o sistema hidrográfico do Distrito Federal. Assim, podemos afirmar que este foi um trabalho, em que as informações foram a matéria prima para

tecer uma rede de conhecimento e compreensão da realidade sobre as relações estabelecidas naquela localidade chamada Sol Nascente.

Quando vimos morar no Sol Nascente, em 2006 buscamos conhecer o local. Queríamos encontrar locais de lazer, saber o que se produzia na região, seus potenciais, seus pontos críticos, enfim, conhecê-lo. Apesar de se falar em setor de chácaras, a realidade era diferente, o que se via eram lotes demarcados ou cercados com arame farpado e um simples barraco no fundo, colado ao muro, quando tinha. Encontravam-se também outros de plásticos e madeirite e poucas casas de alvenaria. Havia também chácaras com plantações. A Chácara 02, uma das maiores do setor, tinha frações de plantações com abacateiros, goiabeiras, tomateiros, hortas, enfim, era um local de grande produção de produtos hortifrutí, e inserida nela, a lagoa do Japonês, cercada pelas plantas de galeria, buritis e muitas quaresmeiras (árvore de pequeno porte com floração lilás). Todos gostavam de estar em contato com a lagoa. Até as vacas que andavam soltas pela redondeza bebiam água na lagoa.

No final de 2007, com o avanço dos loteamentos, cortaram a maioria das árvores e abriram uma vala para escoar as águas da Lagoa do Japonês. A intenção era de lotear até dentro da lagoa, ou fazer com que ela secasse para que tivessem mais liberdade em negociar lotes na localidade.

Ficamos espantados com a coragem de quem fizera tais atos. E nos dispomos a lutar para reverter a situação. Tiramos fotos do local, mas não tínhamos como agir e não sabíamos a quem recorrer, além disso fomos alertados sobre os riscos implícitos, quer dizer, de nos expormos contra as ações de grilagens sem cobertura ou proteção do governo, ou da sociedade civil organizada.

Meses se passaram e ao ingressar na UnB, esse tema continuava candente e nos intrigava, assim, buscamos formas de nos inserir nessa luta de maneira mais qualificada, a oportunidade apareceu ao participar do Projeto 3, na Faculdade de Educação, cujo tema era: Geografia para além da sala de aula. Sabíamos da beleza da lagoa, agora estávamos percebendo a importância das nascentes da região para a alimentação da bacia hidrográfica do Descoberto.

No Projeto 3 participamos do estudo do meio em alguns locais históricos ligados ao início da construção de Brasília. Ao visitar a Fazenda Gama, o Olho D'água no Catetinho, locais que testemunharam os marcos iniciais da construção da nova capital, na Região Administrativa Gama, Km 0 da BR 040, no trevo do Gama, despertou-nos o interesse de aplicar a mesma metodologia para conhecer melhor a Lagoa do Japonês e as nascentes do local que estão inseridas na história do Sol Nascente. Mergulhamos então nos referenciais teóricos para dar sustentação à essa pesquisa.

Fomos a diversos órgãos públicos para obter informações sobre como poderia ser viabilizado o processo de recuperação da lagoa. As pessoas demonstravam desconfiança e levou tempo para que a pesquisa tomasse um rumo promissor. Paralelamente ao Projeto, buscamos conhecer alguns parques de Brasília e suas histórias. Conhecemos o Parque Olhos D'água, próximo ao final da Asa Norte, um

dos mais conhecidos e bem cuidados de Brasília. Porém a administradora revelou as lutas constantes para a sua manutenção. Soubemos do Parque Três Meninas, em Samambaia, que à época estava abandonado, enfim tomamos conhecimento sobre a dificuldade de conservação e manutenção dos parques no DF. Entendemos que não seria fácil, mas como participantes e construtores da história, prosseguimos. Descobrimos que Ceilândia tem direito a cinco parques, mas que continuam somente no papel.

Ao longo da pesquisa, conhecemos pessoas que vencendo o medo de falar sobre o assunto, nos permitiram formalizar diversas entrevistas possibilitando o enriquecimento do nosso trabalho, pois muitos têm algo a dizer ou revelar sobre a história do lugar. Desta maneira ficamos conhecendo outros locais de nascentes no Sol Nascente. E posteriormente, conseguimos a realização do mutirão de limpeza nas bordas da Lagoa do Japonês, com a participação de representantes políticos, órgãos do governo e da comunidade.

A princípio, a pesquisa seguiria a linha tradicional abordando o tema dentro de uma escola pública mais próxima do local do objeto de estudo, a Escola Classe 66, localizada próxima à lagoa. Inaugurada em 2009, a escola buscava meios de atuar na comunidade sem envolver-se em questões polêmicas da região. Consequentemente, referir-se ao tema de preservação das nascentes e da lagoa, gerou apreensão. Houve várias tentativas de aproximação e chegamos a participar de reuniões com a coordenação da escola para explicar o projeto e a forma de desenvolvê-lo. Todavia, a direção mostrou-se receosa preferindo fazer citações sobre o assunto em datas alusivas, como o dia do meio ambiente e o dia da água. Contudo, com a continuidade do projeto e a escola sob nova direção, surgiu a oportunidade de desenvolvê-lo e tivemos mais liberdade para atuar com os alunos do Programa DF Alfabetizado: juntos por uma nova história¹⁷.

Fomos provocados a somar forças para chamar a atenção para a Lagoa do Japonês, ficando propício participarmos dos movimentos populares como Movimento Popular Por uma Ceilândia Melhor – MOPOCEM(2010), Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia – CEPAFRE(1989), Grupo de Trabalho Pró- Alfabetização do Distrito Federal/Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal - GTPA-FORUM EJA/DF(1989), e mais recente Ceilândia Mais Verde, com companheiros de luta pela causa na recuperação da Lagoa do Japonês.

Prosseguindo, criamos o Site Nascente do Sol Nascente, onde hospedamos os vídeos e reportagens sobre as nascentes e assuntos alusivos à questão ambiental, principalmente no Sol Nascente.

¹⁷ GDF/SEEDF-Programa DF Alfabetizado Juntos Por uma Nova História. Disponível em: <<http://www.gdf.df.gov.br/noticias/item/728-df-alfabetizado-inicia-curso.html>> Acesso em 27/abr/2013.

Assim o projeto continua. As oportunidades que surgem estamos abraçando para ver o objetivo concretizado: a Lagoa do Japonês revitalizada juntamente com a Praça dos Abacateiros e as nascentes do Sol Nascente conservadas.

3.1. O projeto de pesquisa sobre a Lagoa do Japonês

Figura 1:



Lagoa do Japonês Localizado no Trecho III, Chácara 02 do Setor Habitacional Sol Nascente.

Fonte: Google maps Inc. Mapa-Imagem da Lagoa do Japonês. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+lagoa+do+japones+no+sol+nascente+em+ceilandia>. Acessado em 02/11/2011, às 19:35

A Lagoa do Japonês faz parte da história do Sol Nascente. Ela expressa as tramas envolvidas na ocupação do espaço desse setor que envolvem disputas e relações de poder entre os agentes políticos, os órgãos ambientais, a comunidade e os oportunistas (grileiros).

Segundo moradores, a lagoa surgiu com o represamento de águas de nascentes para regar plantações. Com águas abundantes, essa represa tornou-se a atração e ponto de lazer para a comunidade e moradores de Ceilândia. Pessoas vinham de longe para desfrutar de suas águas. Entretanto, com o loteamento das áreas próximas, o assédio e ameaças de grileiros, entre outras situações, o proprietário da chácara onde se localiza(va) a lagoa, resolveu esvaziá-la para lotear também. Questionado a respeito deste procedimento, alegou tratar-se de propriedade particular e que as águas da lagoa provinham de águas desviadas, ou seja, segundo ele (o proprietário), não havia nascente na lagoa, vindo de outros lugares a água que a abastecia, (versão propagada por muitos, para se beneficiar de argumentos falsos que ao ser repetidos várias vezes, parecem verdade).

Os órgãos gestores: Administração Regional de Ceilândia juntamente com a SEDUMA, seriam os responsáveis pela intervenção a favor da lagoa. Entretanto, ao ser procurado para averiguar a

situação, a Administração Regional, antecipou-se ao laudo e pronunciou as mesmas palavras do proprietário que quisera aterrar. Foram prontos em afirmar que logo a lagoa estaria seca.

Antes, a lagoa era a atração e lazer para a comunidade. Depois, tornou-se o palco de divergências entre o poder público, os grileiros e entre os moradores que lutam pela conservação e os que querem aterrá-la. Paira ainda um silêncio suspeito por parte de muitos, incluindo a Administração Regional. Desse modo, a Lagoa do Japonês tornou-se o objeto da pesquisa realizada com o propósito de salvá-la como também a conservação das nascentes restantes na comunidade.

O projeto desdobrou-se em fases: os primeiros passos referem-se à apresentação da aluna/pesquisadora à Administração Regional de Ceilândia, com a finalidade de obter informações. Para o levantamento de dados sobre o local, iniciou-se uma caminhada a diversos órgãos públicos. Estava na época da transição do governo (janeiro de 2011), motivo de várias idas e vindas sem a obtenção das informações e documentos necessários ao andamento da pesquisa.

Nesses momentos de aproximação, vários funcionários da Administração de Ceilândia, entre outras instâncias do GDF, demonstraram interesse em colaborar, todavia, cada um indicava órgãos diferentes que deveriam ser procurados para alcançar o que se estava pleiteando. Depois de meses, os dados para a pesquisa foram sendo disponibilizados. Porém alguns documentos foram negados, entre eles o mapa do Parque Ecológico Lagoinha, onde está situado o Sol Nascente, atualmente. Segundo o responsável, este mapa apesar de estar na administração exposto na parede de sua sala, não pertencia ao governo, sendo de acervo particular. Entretanto, segundo consta, o governo anterior contratou a empresa Saint-Germain Consultores Associados LTD para fazer o mapeamento, pagando por ele. Mas a secretária deste setor declarou que a empresa que fez o mapeamento aéreo não disponibilizava os mapas à administração sendo locado quando necessário.

Num segundo momento a Administração Regional designou dois funcionários para fazer um reconhecimento da área de pesquisa: Lagoa do Japonês, para averiguar a possibilidade de nascentes no local. Nesse interim fizemos filmagens nas proximidades da lagoa. Essas imagens geraram vídeos, os quais expomos a seguir:

Habitação com respeito ao Meio Ambiente, produzido através das imagens capturadas nas proximidades da Lagoa do Japonês. A filmagem da Lagoa do Japonês foi apresentada na Semana de Projetos na Faculdade de Educação (2010). A maneira como foi filmado revelou o drama que estávamos sentindo no momento das gravações: medo e insegurança. Nessa filmagem mostramos as águas de nascentes escorrendo pela rua, o avanço das construções, o lixo e entulho nas áreas de mananciais e na lagoa.

Figura 2



Vídeo: Habitação com respeito ao meio ambiente. Produzido com as imagens capturadas nas proximidades da Lagoa do Japonês, em 2010.

Numa outra ocasião, apresentamos as filmagens no Centro Educacional 11, no P Norte – Ceilândia, onde o Movimento Popular Por Uma Ceilândia Melhor (MOPOCEM) promoveu o Seminário “A Ceilândia que queremos” em 08/11/2011. Foram expostos os problemas, propostas e sugestões para solucioná-los. Nesta ocasião estavam presentes vários representantes da administração local, como também a direção da UnB-Ceilândia. Com a exposição das imagens, os participantes manifestaram repúdio à situação e o desejo de buscar providências para solucionar o caso em questão. Todavia foi alertado por um dos coordenadores do movimento que a questão caracterizava situação de risco pelo envolvimento de pessoas pouco escrupulosas, que não hesitariam em lançar mão da violência para assegurar a comercialização de lotes nessas áreas. Fato comprovado por denúncias de moradores mais próximos à lagoa, que, com medo de represálias, não se expõem. “Silêncio” por segurança.

Com a divulgação das primeiras filmagens, fomos contactados por um grupo do Rio de Janeiro que, sabendo do nosso empenho pela causa ambiental, nos convidou para fazer parte de um vídeo do Projeto Vídeo Ambiental- cultura e Ecologia Audiovisual, em parceria com a Câmara Legislativa do DF, na Escola Classe 28, no P Norte – Ceilândia. Participamos de diversas gravações incluindo outros lugares que não conhecíamos à época e fazem parte do Sol Nascente. Este projeto teve a finalidade de trazer para o meio escolar as questões e implicações da ação humana em relação ao uso e conservação do potencial ambiental do local onde moram.

Figura 3



Sol Nascente CEF 28¹⁸Sol Nascente CEF 28 Vídeo produzido com a participação dos alunos do Centro de Ensino Fundamental 28 Sol Nascente

O vídeo Ambiental: Sol Nascente CEF 28, juntamente com o CEF 19 com o vídeo Espantalixo, CEF 101 com o Cineclube Recanto das Emas e CEF 419 do Recanto das Emas com o vídeo: Desvendando o mito do Parque 3 Meninas em Samambaia, foram apresentados no auditório da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) em setembro de 2011, como trabalho final: aos patrocinadores, comunidade escolar e a todos os interessados na participação popular da Audiência Pública sobre o Meio ambiente, da Câmara Legislativa do DF.

Na disciplina Oficina de Vídeo ministrada pela professora Laura Maria Coutinho, aprimoramos as técnicas de filmagem. Nessa disciplina produzimos como trabalho final o vídeo “A importância da água”, resultado do trabalho de equipe em conjunto com colegas da disciplina. Para a produção desse vídeo foram meses de pesquisas envolvendo vários lugares e pessoas. Entre elas, o senhor Alcir Lopes, o primeiro padrinho de uma nascente no Distrito Federal.

A contribuição da prefeitura comunitária do Sol Nascente foi imprescindível, pois por meio deles tivemos contato com as pessoas que nos contaram a história do Sol Nascente, como e quando começou.

¹⁸ Participamos do vídeo ambiental como moradores ativistas. A realização e execução deste empreendimento por Caetano Antunes Ruas de Menezes, com a colaboração: IMAGINE, RUAS, Mercado Cultural; Contando com o patrocínio: Secretaria de Cultura FAC Fundo de Apoio à Cultura; Secretaria de Educação; Secretaria de meio Ambiente; Secretaria de Cultura; GDF. Este Projeto fez parte de uma Audiência Pública do Meio Ambiente em 2010. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/291839374166622/?fref=nf>> acesso em 27/jun/2014.

Figura 4:



Vídeo A Importância da Água: As pessoas precisam saber, e refletir, que a água que sai da sua torneira primeiro saiu de uma nascente, salvo algumas exceções. Acervo Nascente do Sol Nascente. Disponível em: <<http://videolog.tv/816221>>

Para atrair a atenção do governo a respeito da Lagoa do Japonês percebemos a importância de estarmos acobertados e assistidos pelos movimentos populares, pois através deles os trabalhadores obtiveram conquistas e melhorias para as suas moradias no Distrito Federal. Com essa intenção fomos nos envolvendo e participando do Movimento Popular Por uma Ceilândia Melhor (MOPOCEM), Ceilândia mais Verde, Amigos do Parque, Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (CEPAFRE), Grupo de Trabalho Pró Alfabetização / Fórum de Educação de Jovens e Adultos (GTPAFÓRUM-EJA/DF) e outros.

Segundo Ribeiro (2008), os movimentos sociais contribuíram para que os trabalhadores que vieram para a construção de Brasília conseguissem permanecer no Distrito Federal e fixar residência. Todavia, sem os requisitos financeiros para lograrem espaços privilegiados, foram “induzidos” aos locais mais distantes como o entorno do DF e “cidades satélites” e nelas a luta pela qualidade de vida foi e tem sido constante. Os que estavam aqui desde o início, os pioneiros, lembram desta história, comenta Maria Madalena Torres, moradora de Ceilândia desde os anos de fundação. Os trabalhadores que foram removidos das Vilas: IAPI, Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Morro do Querosene, através da Campanha de Erradicação de Invasões - CEI (sigla que deu origem ao nome Ceilândia), foram transportados para um lugar bem distante do Plano Piloto, (onde trabalhavam). Recebendo como promessa o lote com facilidades para o pagamento (parcelado e prazo para começar a pagar). Entretanto logo nos primeiros meses foram surpreendidos com a cobrança imediata dos lotes e com o preço acima do combinado, mesmo com a falta de infraestrutura e investimento por parte do governo no local. Nessas circunstâncias, os transportados perceberam a necessidade de se organizarem através de associações populares para reivindicarem seus direitos. Segundo Madalena, a

luta pelo lote, pela água, pelo transporte, forjou numa grande parte dos ceilandenses, o engajamento em organizações sociais¹⁹.

Desse modo, o Distrito Federal tem sido o palco de várias ações onde o modo e quem se apropria do espaço modela e remodela o seu território.

O Movimento Popular por uma Ceilândia Melhor (MOPOCEM) articulou com a comunidade do Sol Nascente a realização do curso “Direito e Cidadania”²⁰ oferecido pelo Núcleo de Estudos para a Paz da Universidade de Brasília e Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Realizado na Escola Classe 66, localizada no Trecho III do Sol Nascente.

Através desse curso foi viabilizado o Projeto de Educação Popular em Direitos Humanos, com o desenvolvimento de ações sociais sugeridas pelos integrantes da comunidade e participantes do curso. Indicamos o Projeto de Revitalização da Lagoa do Japonês. Proposta aceita por todos que desencadeou no Mutirão de limpeza ao redor da Lagoa do Japonês, juntamente com o pedido formal de revitalização da lagoa, às autoridades presentes e órgãos afins.

A realização do mutirão ocorreu no dia 22 de outubro de 2011.

Figura 5



Oficina Terceiro Setor: elaboração de projetos. Pátio da EC 66/ Sol Nascente. 07/09/11. Acervo: Blog MOPOCEM

Para garantir o sucesso do Mutirão de limpeza buscamos o apoio das redes televisivas para a divulgação do evento. Os Parceiros do DF fizeram reportagem completa sobre o mau estado da lagoa, buscou respostas da Administração Regional sobre a situação e convidou toda a comunidade para o Mutirão.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.ceilandia.df.gov.br/sobre-a-ra-ix/conheca-ceilandia-ra-ix.html>> Acesso em 05/jan/2014.

²⁰ Adriana Silva relata essa experiência em seu artigo: Educação Popular e Extensão Universitária na promoção da Educação em direitos Humanos: um estudo de caso do projeto EPDH em Ceilândia (p.7 a 15). In Participação, UnB/DEX. Ano 13. Nº23 e 24 jun-dez, 2013. 11111

Essa reportagem foi ao ar no DF-TV 1ª edição, no dia 24/09/11.

Figura 6



Os Parceiros do DF/F-TV 1ª edição no dia 24/09/11.

Outras entrevistas foram veiculadas através da emissora de televisão SBT/ Jornal local de Brasília. O mutirão contou com o apoio de vários segmentos e a comunidade. Entre eles:

Representantes do IBRAM, deputados distritais, representantes de associações, prefeitura comunitária do Sol Nascente, estudantes e comunidade.

Figura 7



Fotos do mutirão Em 22/10/ 2011. Acervo Nascentes do Sol Nascente.

Na foto da esquerda para direita: Comissão de realização do Mutirão: Paulo, Valmir, Rayla, Otto, Elândia, 2ª políticos e representantes da Administração Regional de Ceilândia. A prefeitura comunitária do Sol Nascente, os representantes do curso Educação Popular em Direitos Humanos- UnB, e a comunidade.

Figura 8



Representantes do IBRAM, Meio Ambiente, deputado distrital Luiz Pitiman. Plantação de árvores na cabeceira da Lagoa do Japonês, em 22/10/2011. Acervo Nascentes do Sol Nascente.

Logo depois aos discursos e promessas, realizamos uma caminhada de reconhecimento ao redor da lagoa e plantamos mudas de árvores próxima à sua cabeceira. Passados alguns dias da realização do mutirão, no mesmo local onde fizemos a plantação de mudas: “brotou” um barraco.

Figura 8



Barraco na cabeceira da Lagoa do Japonês onde plantamos árvores. Foto em 15/11/11. Acervo Nascentes do Sol Nascente.

Cerca de um mês depois do mutirão, esse barraco foi construído bem perto da nascente que jorra para a Lagoa do Japonês. Depois de mais alguns dias, vários barracos foram construídos surpreendendo a todos que haviam participado do mutirão em defesa da lagoa e da sua área ao redor.

Figura 9



Mais barracos na cabeceira da Lagoa do Japonês, meses depois do mutirão. Em dezembro de 2011 Acervo particular.

Figura 11



Venda de lotes ao redor da Lagoa e em outros locais do Sol Nascente. Em 2012. Acervo Nascentes do Sol Nascente.

Entre os anos 2011 e 2013 as construções aumentaram em todo o setor e ao redor da lagoa. Tem acontecido uma espécie de rodízio entre construções e derrubadas. Porém com restrições, pois só derrubam as casas que no momento da ação estiverem sem o morador. Ou seja, o barraco não pode ficar vazio. Com o aumento dessas construções, vários lotes foram negociados e por necessitarem de gente para manter plantão, percebeu-se a infiltração de pessoas com interesses escusos, ocasionando um aumento significativo da violência nesses locais.

Essas circunstâncias, geraram apreensão dos participantes do projeto a respeito da nossa posição em restaurar a lagoa. Em defesa do projeto um morador denunciou às redes televisivas a situação que estava acontecendo. Essa denúncia em forma de entrevista foi amplamente divulgada.

Figura 12



Reportagem grilagem de terras no Sol Nascente. Jornal local do SBT/Brasília. Em 2012. Esta reportagem denuncia os loteamentos ao redor da Lagoa do Japonês.

Essas invasões e denúncias ocasionaram a demissão do diretor da AGefis responsável pela fiscalização em Ceilândia. Na entrevista Grilagem de terras no Sol Nascente, o denunciante entrevistado faz citação do projeto da UnB, (nosso projeto) como parque Ecológico que ficou ameaçado pelas construções ilícitas no local. A partir de 2012, o Sol Nascente experimentou um avanço ainda mais desordenado e as áreas que até então não tinham construções foram loteadas.

3.2 O Site NASCENTES DO SOL NASCENTE

O Site²¹ Nascentes do Sol Nascente surgiu em fevereiro de 2012 como tarefa proposta para publicar e divulgar as produções que realizamos durante o Projeto. Teve como ponto de partida o Estudo do Meio realizado na Lagoa do Japonês, também as nascentes e riquezas ambientais encontradas na região do Sol Nascente.

Ao abordar a respeito das nascentes do local, houve ressalvas pois os moradores temiam que o assunto pudesse trazer transtornos, travando a regularização das moradias no setor. Depois de várias

²¹ Site é uma palavra de origem inglesa que tem vários significados, entre eles, lugar. No contexto das comunicações eletrônicas faz referência a uma página ou a um agrupamento de páginas relacionadas entre si, acessíveis na internet através de um determinado endereço eletrônico: Disponível em: <<http://www.significados.com.br/website/>> acesso em 21/04/2012.

conversações explicando o objetivo de conservar as nascentes restantes, os moradores concordaram e assim, ganhamos apoio da Prefeitura Comunitária e de membros da comunidade.

O Site contou com a colaboração de Paulo Eugenio Rocha, (coprodutor), Jameson Uriel (Web Designer), Leonildo Lucena (técnico em informática).

Figura 10



Reuniões e locais de trabalho. Foto: ao fundo Paulo Rocha, Leonildo e Marize. Jamison, Marize e Paulo Rocha. Local de reunião EC 66. Local de trabalho e edição, sala de casa. Acervo particular.

As produções²² do Site Nascentes do Sol Nascente foram à rede no dia 18 de abril de 2012. Exibimos as produções citadas anteriormente e produzimos outras como:

O vídeo Resignificando Ceilândia que teve entre outros objetivos, homenagear as pessoas que lutaram por uma Ceilândia melhor, entre elas Madalena Torres.

Figura 11



Vídeo Resinificando Ceilândia em 01/06/2012. Videolog e Youtube
Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com/MOPOCEM01/posts/488555517872079?...>
<http://videolog.tv/video.php?id-790281>>

²² Após algumas produções, o Site Nascentes do Sol Nascente precisou ser reinscrito no provedor ocorrendo a alteração do nome para Nascentessite. Entretanto, os dois continuaram a funcionar.

Sáimos em expedições para conhecer outros lugares no Sol Nascente. Conhecemos o Córrego Cachoeirinha, localizado no Trecho II do Sol Nascente, é uma das opções de lazer da comunidade porém ameaçado pelo lixo, esgoto e o avanço das construções.

Figura 12



Vídeo Córrego Cachoeirinha em 11/07/2012

Disponível em: < <https://www.facebook.com/.../233074496814622> <http://www.videolog.tv/video.php>>

O lixo tem sido um problema em todos os lugares, inclusive no Sol Nascente. Com o objetivo de alertar as pessoas a respeito do descarte de objetos gerando lixo, editamos o vídeo: “A Obsolescência das Coisas”

Figura 13



Vídeo: A obsolescência das coisas em:27/06/2012

Disponível em: < <https://www.facebook.com/.../355016547911039> <http://www.videolog.tv/video.php?id=-798785>>

Os meses foram passando e agravou-se a degradação da Lagoa do Japonês. Sem ação do governo, o mato cresceu na lagoa, os moradores jogam lixo e o trator da SLU ao removê-lo de forma inadequada tem aumentado a área de devastação e destruição da lagoa.

Figura16



Vídeo SOS a Lagoa do Japonês pede SOCORRO. EM 12/07/201
Disponível em: <www.youtube.com/watch?vBtYKjNqU2
videolog.com.br/80380>

Devido ao sucesso do site resolvemos ampliar a nossa abordagem homenageando os pais e todos que exercem este relevante papel familiar e social

Figura 14



Vídeo Homenagem aos pais, em 10/08/2012.
Disponível em: < <https://www.facebook.com/nascentesdaonascete?fref-nf>
<http://www.videolog.tv/nascentessite/videos/803804> >

Hospedamos no site reportagens capturadas nas redes televisivas que se referiam aos assuntos abordados pelo site como: Grilagem de terras no Sol Nascente, pelo SBT. Entrevista veiculada nos jornais locais desta emissora aqui em Brasília, em 22/08/2012.

Figura 15



Reportagem grilagem de terras no Sol Nascente, parte 2, em 2012, pelo SBT/Brasília
Disponível em:< videolog.tv/nascentessite/videos>

3.3 O lixo foi abordado nas produções do Site.

O meio ambiente sofre grandes alterações com a produção e descarte de resíduos de maneira inadequada. Tal situação é agravada quando em uma comunidade o serviço de coleta é precário e em alguns pontos, inexistente. Ou seja, dentro do Sol Nascente a população juntamente com o Sistema de Limpeza Urbana (SLU) estabeleceu alguns lugares como ponto de recepção do lixo, pois os caminhões de coleta não passam pelas ruas deste setor para recolher. Todavia, a maneira como os funcionários responsáveis recolhem o lixo nesses pontos de acolhimento, agrava a situação do local, aumentando o desconforto visual, sanitário e colocando em risco a saúde pública. Nesses locais há ocorrência de roedores e outros animais que se proliferam nesse ambiente. A Administração Regional e os órgãos responsáveis alegam que o problema é provocado e agravado pelos próprios moradores. Obviamente, os moradores contrapõem a essa argumentação.

Figura 16



Lixo próximo a Lagoa do Japonês. Acervo Site Nascentes do Sol Nascente, 2011.

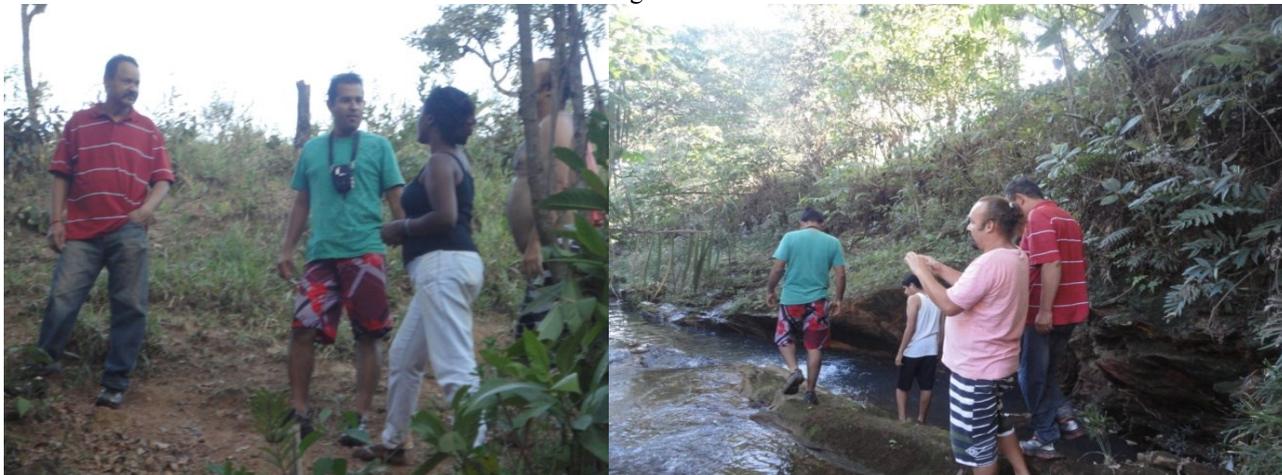
A questão do lixo não é culpa exclusiva dos moradores, mas o resultado de uma situação complexa, agravada por um serviço mal prestado pela empresa responsável pela coleta, segundo Otto Terra, um dos coordenadores do mutirão realizado a favor da Lagoa do Japonês.

A produção de lixo e o descaso com o descarte era abordado de forma generalizada como se todos os moradores contribuíssem para o agravamento dessa situação. Cabe ressaltar que mudaram o horário de coleta do lixo mas, quando as coisas começaram a melhorar nesse sentido, houve o restabelecimento do horário anterior.

Com o Site no ar, tivemos que intensificar as produções para alimentá-lo. Expomos as logomarcas dos nossos colaboradores. Na verdade, onde estamos vinculados, pois em se tratando de remuneração só um recebia bolsa permanência, os outros colaboradores estavam com esperanças de começar a receber remuneração pelo serviço prestado. Isto ocorreu com o nosso web designer que foi incluído no estágio no nível de ensino médio pela UnB. Mas foi o início de muitas desavenças que prejudicou o desenvolvimento das produções para alimentar o Site, vindo a ficar inativo.

3.4 Expedições Nascentes do Sol Nascente

Figura 20



Expedição Nascentes do Sol Nascente, 2012. Acervo particular. Córrego Cachoeirinha na foto: Marcilio, Valmir, Marize, Jameson, Paulo Rocha. Acervo Nascentes do Sol Nascente.

Partimos em equipe para conhecer outros lugares do Sol Nascente. Ficamos encantados com o que vimos. Porém decepcionados com o descuido da própria população na conservação e utilização dos locais de lazer da comunidade.

Apesar de ter como ponto de partida a Lagoa do Japonês, este Estudo do Meio envolveu outros assuntos correlacionados, como as nascentes que deram origem a lagoa, o surgimento do Setor Habitacional Sol Nascente que ressalta a importância desta lagoa para a comunidade porém, criando uma zona de conflito relevante.

Por ocasião da nossa ida à Administração Regional de Ceilândia para buscar dados a respeito da Lagoa do Japonês, alguns funcionários da administração manifestaram não acreditar na existência de nascente na cabeceira desta lagoa, despertando em nós o desejo de averiguar se procede a incerteza. Buscamos os teóricos para definir o que pode ser considerado como nascente. Para Linsley e Franzini, (1978), existem várias formas de nascentes e podem ser localizadas em encostas, depressões ou no nível de base do terreno. Há nascentes olhos d'água, que não acumulam água e é comum em terreno declividade. Há também nascentes que se espriam pelo terreno originando veredas²³. Quanto ao fluxo podem ser perenes – fluxo d'água permanente ou temporárias – fluxo d'água apenas na estação chuvosa. O conceito de nascente considerado para os teóricos:

Nascente é o local onde a água subterrânea brota à superfície. Ou seja, entende-se como nascente o afloramento do lençol freático que vai dar origem a uma

²³ Vereda é o espaço encharcado que contem nascentes ou cabeceira de cursos d'água onde há ocorrência de solo hidromorfo caracterizado pela presença de buritis do brejo e vegetação típica.

fonte de água de acúmulo como represa, ou cursos d'água como regatos, ribeirão e rios. Segundo o Código de Águas, art. 95²⁴: A nascente de uma água será determinada pelo ponto em que ela começa a correr sobre o solo e não pela veia subterrânea que a alimenta, ou seja, é o local onde a água brota, independentemente de ter seu curso desviado pela ação humana. (SP: Caderno Mata Ciliar, nº 1, 2009, p.4).

Segundo moradores, muitas nascentes foram aterradas para dar início à formação dos condomínios que surgiram no Sol Nascente. Contudo, em alguns lugares mesmo aterradas a água continua correndo pelas ruas o ano inteiro. Esta situação gerou temores entre os moradores, pois a constatação da existência de nascentes dificultaria o processo de regularização do local.

Figura 21



Da esquerda para a direita: Olho d'água localizado no alto do Córrego da Coruja, Nascente na cabeceira da Lagoa do Japonês, Curso d'água jorrando da cabeceira da Lagoa do Japonês. Fotos de nascentes no Sol Nascente entre 2010 e 2012. Acervo particular

Em outras áreas que não foram atingidas pelas construções podem-se registrar nascentes como mostram as fotos acima. Nessa localidade encontra-se um lençol freático que dá vazão a várias nascentes que brotam ao longo da área que se tornou o Setor Habitacional Sol Nascente.

Pelo levantamento dos resultados da pesquisa da Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN-2013, somente 0,89% resta de Área de Proteção Ambiental (APA), e 0,56% nascente d'água, no local. Ou seja, restou pouco. Nesse sentido, a paisagem do Sol Nascente está refletindo a ação de forças produtivas diferentes que, de forma heterogênea, reflete uma herança de momentos de adições e subtrações. (SANTOS apud CAVALCANTI, 2004, p.99)

3.5 Análise e entrevistas: Quem são os moradores do Distrito Federal e do Sol Nascente?

De acordo com Cavalcanti (2008), os processos de produção do espaço ocorrem no dia a dia pela apropriação individual e coletiva, fomentando a segregação socioespacial daqueles que não podem escolher seu local de moradia. (CAVALCANTI, 2008 p. 110).

²⁴ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D24643.htm>. Acessado em 30/05/2014.

Ao longo do projeto realizamos entrevistas com moradores do Sol Nascente para entender como foi sendo configurado este setor. Raimunda Gonçalves²⁵, os planos para aquisição de lotes no Distrito Federal pela NOVACAP, eram bastante excludentes, além de burocráticos. Ou era elevado demais, tendo como público alvo a classe média; ou baixo demais para as classes que ganhavam até cinco salários mínimos, deixando de fora os que não se enquadravam nesses parâmetros. Raimunda veio para o DF assumir cargo conquistado via concurso. Depois de vinte anos de aluguel no Guará I, comprou lote no Sol Nascente por não oferecer restrições com relação à faixa de renda, o preço e o bom tamanho dos lotes, além de facilidades para o pagamento. Também os que nasceram aqui e precisavam mudar, aproveitaram a oportunidade para comprar, como relata José Valmir, que nasceu em Ceilândia e ao se casar, sentiu a necessidade de adquirir casa própria e sair do aluguel. Viu no loteamento das chácaras a oportunidade. Valmir tornou-se um dos fundadores do Sol Nascente e continua atuando no setor fazendo parte da prefeitura comunitária.

O estudo do meio pressupõe que dê ouvidos a quem tem algo a dizer para enriquecer a história do lugar, tendo sua palavra assegurada e respeitada, dando oportunidade ao pesquisador/professor e participante a prática da escuta sensível. Assim, nos sentimos desejosos de conhecer e relatar mais entrevistas. Maria das Graças dos Santos, uma piauiense de 51 anos de idade, 36 anos de Distrito Federal, veio na adolescência, com 15 anos de idade. Começou a trabalhar em diversos locais que não exigiam qualificação na época, como atendente de lanchonete, como doméstica, em serviços gerais, entre outros. Desempenhando esses serviços, ela conseguiu construir sua casa, contando com a doação do lote pelo governo, na época, de Joaquim Roriz. Para ela, Brasília é um ótimo lugar para o pobre viver mesmo que sofra com os problemas estruturais urbanos, pois conta com muitas opções de trabalho, pois ao retornar a sua cidade natal, Pombal, na Paraíba, cidade que dispõe de infraestrutura urbana, ficou sem trabalhar por muito tempo ocasionando o seu retorno ao Distrito Federal. Agora mora no Sol Nascente num barraco nos fundos da casa de sua filha casada, pois quando separou-se do marido, vendeu a casa para fazer a partilha. Maria das Graças já morou em Sobradinho, Riacho Fundo e Brazlândia. Já Fátima Dantas, 59 anos, veio com os pais e irmãos para Brasília em 1974. Conforme conta, seus pais compraram um lote na beira do Lago Norte e construíram uma casa de madeira. Anos depois receberam uma proposta e venderam esse lote. Com o dinheiro desta venda compraram um apartamento na Asa Sul. Seu pai era bem relacionado e obteve várias chances de bons negócios com a indicação de conterrâneos influentes. Assim, encaminhou os filhos para os cargos públicos. Dessa maneira, a família Dantas sempre morou em regiões nobres do Distrito Federal e gozam de *status* de classe média. Outra conterrânea, Maria de Fátima, veio de

²⁵ Moradora desde o início desse setor.

Recife com as irmãs para assessorar um deputado federal na década de 1970. Por meio desses políticos ganharam privilégios, entre eles, o de morar totalmente de “graça” num apartamento funcional na Asa Norte, onde moram até hoje, (2013). Brasília foi ótima opção para essas pessoas. Para Neusa Alice, filha de pioneiro, nascida no Guará I, no período em que essa RA sofria o preconceito de ser uma invasão, ou seja, logo no início, entendeu que precisava estudar para mudar a situação financeira da família. Daí então se empenhou para que seus irmãos estudassem também. De cinco irmãos, os que estudaram e ingressaram no serviço público, conseguiram autonomia financeira e casa própria. Um que não se dedicou continua passando por situações difíceis financeiramente recebendo ajuda dos irmãos e do governo. Já Janice e sua irmã Jeane são jovens baianas, casadas, com filhos pequenos, apesar de pouco tempo de DF, participaram de diversas ocupações em diferentes RAs como: Recanto das Emas, Riacho Fundo, Samambaia e Ceilândia. Criaram uma rotina de conseguir lote, esperar valorizar, vender e ingressar em outra ocupação. Depois de ouvir conselhos, Janice resolveu estudar. Voltou para Bahia e agora é auxiliar de enfermagem em sua cidade natal. Jeane sua irmã continua na rotina de ocupar para depois vender o lote.

E assim, a maioria dos entrevistados relatam o motivo de estar no Distrito Federal. Muito embora alguns passem por dificuldades em relação a transportes, saúde e moradia, o sonho por uma vida melhor, alimentado desde o início da construção de Brasília, faz parte do imaginário dos brasileiros. Brasília tem sido um sonho com diversos desdobramentos, muitos, inusitados.

Através destas breves entrevistas colhidas por meio da história oral, utilizando-se a metodologia de amostragem, de forma semi estruturada, ocorrida em ambientes variados, ao longo do projeto, pode-se perceber como tem sido a apropriação do espaço no Distrito Federal e no Sol Nascente. Ressaltando, todavia, os reveses da vida que têm levado a uma dinâmica social intensa onde muitos moradores migram para as RAs que lhes ofereçam melhores condições de vida devido a problemas financeiros.

Ao abordarmos a metodologia do Estudo do Meio, recolhemos vastos depoimentos através da história oral em situações diversificadas onde os atuantes da história revelaram com propriedade os aspectos que deram origem e forma à identidade do povo que veio e continua vindo para o Distrito Federal. Eles sonharam em dias melhores, entretanto, perceberam que até se concretizar, os sonhos passam por estágios de conquista envolvendo lutas. Os movimentos sociais exerceram e continuam exercendo papéis importantíssimos, para que os sonhos populares se concretizem no Distrito Federal.

Considerações finais

Habitações planejadas e bem assistidas e aglomerações desprovidas fazem parte do mesmo cenário do Distrito Federal. Assim, o DF que muitos confundem com Brasília, oferece esse enigma de realizações e frustrações, lado a lado, sonhos que não se concretizam da mesma maneira para todos.

Brasília acabou por reproduzir com nitidez as segregações disfarçadas em outras cidades grandes. Todavia, Brasília tem concretizado vários sonhos, principalmente para a classe economicamente mais “favorecida”, ao passo que os trabalhadores de baixo poder aquisitivo também se beneficiam, como relata Maria das Graças, visto que, de acordo com ela, Brasília (Distrito Federal) é um ótimo lugar para o pobre morar, pois tem várias opções de emprego. Nesta percepção, Brasília e o Distrito Federal tem permitido que o sonho de trabalhadores de diversas faixas salariais seja realizado, guardadas as proporções. Assim sendo, a atração migratória continua.

Com a constante migração as questões habitacionais e ambientais se agravam comprometendo as Áreas de Preservação Permanente pela sua fragilidade. Daí a necessidade da educação ambiental de forma constante e abrangente, pois precisamos apreender outra maneira de agir e valorizar o meio ambiente. Esta aprendizagem envolve os diversos níveis: psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos, forjando uma nova cultura com relação ao meio ambiente. Com relação a este tema, o Distrito Federal possui vários órgãos e leis destinados a tratar da preservação ambiental. Entretanto, a atuação destes órgãos tem sido comprometida por diversos motivos propiciando vários casos de destruição de áreas destinadas à preservação ambiental.

Em se tratando de soluções, os movimentos sociais revelam-se eficazes por indicar ao governo as principais necessidades da população. Também indica que o fracasso ou o sucesso de uma nação começa com a valorização da população. O histórico do Distrito Federal demonstrou que desde o início a moradia para os trabalhadores de baixa renda não fazia parte dos planejamentos iniciais, saindo do controle de seus organizadores, com a chegada constante de trabalhadores. Com as mobilizações populares, os trabalhadores lograram o direito de permanecer no Distrito Federal, forçando a antecipação das formações das “cidades satélites” para abrigá-los. Desde esta época constatou-se que no DF primeiro fazem-se as moradias e depois regularizam-se. Desta maneira, a população adquiriu o hábito de ocupar para depois legalizar. Esta prática envolve todas as classes sociais do DF. Os que possuem poucas condições financeiras ocupam lugares mais distantes do Plano Piloto. Fruto também de uma segregação planejada. Assim, as ocupações que ocorreram bem

distantes de Brasília, de um certo modo trazem alívio aos governantes, pois desde o início foi o procedimento praticado: expulsar os trabalhadores para locais mais distantes de Brasília. Assim, quando surgiu nas adjacências de Ceilândia, os Setores Habitacionais Sol Nascente e Pôr do Sol, com a aquiescência política, a comunidade se expandiu nesta região. Todavia, havia nascentes no caminho. Bem como existiam nascentes em outras áreas residenciais já legalizadas também. E, entre moradia e meio ambiente, a necessidade da população carente falou mais alto. A questão a ser resolvida é como equacionar a necessidade de moradia e de conservação do meio ambiente, principalmente no Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol. Entendemos que muitos atos predatórios contra a natureza poderiam ser evitados com uma educação ambiental eficaz (utopia). Percebemos contudo, vários entraves como a interferência política, a burocracia, a corrupção, a pobreza, a ganância, etc. Esses atuam como obstáculos à preservação de APPs em regiões como o Sol Nascente. Questões simples do nosso ponto de vista, são arrastadas por anos sem uma resposta ou ação efetiva do governo, a exemplo da Lagoa do Japonês no Trecho III, do Sol Nascente. O projeto que intentamos desenvolver com o propósito de salvar esta lagoa, até o presente momento (2013) não foi consolidada uma resposta nem se obteve uma proposta concreta de revitalização da lagoa. As nascentes que restam nestas áreas sofrem pelo abandono do GDF. Os chacareiros que não fracionaram seus lotes precisam de reconhecimento e investimentos.

Finalmente, como militantes e moradores do Setor Habitacional Sol Nascente, entendemos que fazemos parte de uma sociedade de risco ambiental e à vista disso devemos desenvolver práticas de conciliação com a natureza e necessitamos que o governo esteja disposto a nos ajudar na reparação de situações ambientais que podem ter uma outra solução, a conservação ou restauração. Nesse sentido, ainda há condições de revitalizar a Lagoa do Japonês, consolidando-a com a área habitada, tornando harmônico natureza e população.

Intenções profissionais

O currículo do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília contempla a formação docente e a atuação do pedagogo em diferentes campos de aprendizagem. Na formação acadêmica dos estudantes deste curso compreendem a relação entre ensino, pesquisa e extensão, desenvolvendo assim, a construção teórica e prática dos conhecimentos socializados na academia. Nesse procedimento, os alunos são envolvidos em projetos nos quais o perfil de sujeito investigativo vai sendo despertado e aguçado. Dessa interação, gera-se o desejo de compartilhar o conhecimento nos espaços disponibilizados para sua atuação, onde o papel sócio histórico do pedagogo se faz necessário.

Ao ingressar no curso de Pedagogia tive a expectativa de poder desenvolver trabalhos sociais com mais qualidade, pois o conhecimento amplia a possibilidade de melhorar os resultados pretendidos. Como relatei no memorial, minha irmã Raimunda Guedes exerceu grande influência pela área pedagógica e, ao longo dos anos, envolvi-me em diversos projetos sociais que despertaram a necessidade de uma formação acadêmica para validar minha atuação. Graças a diversidade curricular da Faculdade de Educação, somos expostos a realidade do saber, ou seja, continuar aprendendo ao longo da vida. Nesse curso percebemos que o ensino aprendizagem permeia todas as áreas do conhecimento e, nesse desafio, proponho-me permanecer.

Todas as vivências que participei no período acadêmico, os projetos desenvolvidos ao longo do curso têm despertado em mim o desejo de continuar tanto no ensino como nos projetos sociais. Pretendo também ingressar num mestrado e em cursos de especializações. Entretanto, a prioridade nesse momento é trabalhar na área. Estou disposta a continuar na Educação de Jovens e Adultos e também aproveitar as oportunidades que surgirem, ou seja, estou de coração aberto e desejava de trilhar caminhos propostos pela aquisição desta licenciatura.

Cronograma

Este cronograma está de forma simplificada e não aborda todas as atividades desenvolvidas ao longo do projeto.

PROJETO: NASCENTES DO SOL NASCENTE		
CRONOGRAMA		
As atividades relacionadas abaixo estão abreviadas		
INÍCIO	ATIVIDADE	RESULTADO
2010	Referencial teórico	Início do projeto; pesquisa de campo; estudo do meio
2011	Prosseguimento da pesquisa; exposição em reuniões	Mutirão de limpeza ao redor da Lagoa do Japonês
2012	Participação no Programa DF Alfabetizado: juntos por uma nova história. 1ª edição.	Reportagens; movimentos sociais; reuniões; criação do Site Nascentes do Sol Nascente.
2013	Continuidade dos procedimentos anteriores. DF Alfabetizado: juntos por uma nova história, 2ª edição	Procedimentos finais para a conclusão de curso
2014		Encerramento do projeto
OBS: Embora encerrado academicamente, o projeto continua em atuação, visto o seu procedimento ser aleatório, sem datas fixas de execução de tarefas, as atuações, ocorrem esporadicamente aproveitando os momentos favoráveis para efetivar ações.		

Referências

ANDRÉ, Marli. O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Ed. Campinas: Papyrus, 2001.

BARBIER, René. A Pesquisa-ação. Tradução Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002.

CADERNOS, Mcidades/Desenvolvimento Urbano – Política Nacional de Desenvolvimento Urbano 1. Ministério das Cidades, 2004, Brasília, DF

CADERNO, Mata Ciliar, São Paulo, nº 1, Ano 2009.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. A Geografia Escolar e a cidade. Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Brasília: Editora Papyrus, 2008.

----- Conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. Disponível em: <unicgeosul.blogspot.com/.../uma-contribuicao-de-vygotsky-ao-ensino.ht...> Acessado em 20/jun/2012

COBI, Pedro Roberto; MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria Lídia Bueno. Educação e Sustentabilidade. Parte III - O Estudo do Meio como Intervenção Pedagógica. Ed. Evoluir Cultural, 2009.

CODEPLAN- Pesquisa Socioeconômica por amostra de domicílio 2013. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/component/content/article/261-pesquisas-socioeconomicas/295-pesquisa-distrital-por-amostra-de-domicilios-.html>. Acessado em 22/jan/2014.

CODHAB.Saint-Germain Consultores Associados LTDA. Relatório de Pesquisa Censitária SN TR03, Vol. 1. Março de 2010. Cedido por Luis Fernando, em 5/jan/2012.

COÊLHO, Cristiane Machado. “A utopia nos projetos urbanos: o caso de Vila Planalto em Brasília”, 2006.

FEDERAL-IBRAM. Bioma Cerrado. Relatório do Meio Físico e Biótico, p.214. Subproduto

Disponível em: http://www.ibram.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE-12932>. Acesso em: 23 08/12.

FREIRE, P. R. N. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra. 1997.

IBRAM, Projeto Mapear – Mapeamento de Área Degradadas e Fitofisionomias do DF. P.132. Disponível em: www.ibram.df.gov.br/pdfs/projeto_mapear/mapear.pdf. Acessado em 2013.

LACOSTE, Yves. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papyrus, 1988, p. 189.

MORAES, Reginaldo. Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai? São Paulo: Senac, 2001.

PAVIANI, Aldo Luiz A. C. G. Aldo. Brasília: controvérsias ambientais. Editora UnB, 2003

----- A construção injusta do espaço urbano. In Paviani, A (org) 1991. Disponível em:<<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/1885>>. Acessado em 10/mai/2010.

-----Conquista da cidade, movimentos populares em Brasília. Editora UnB 1991.

PELUSO, Marília Luiza; OLIVEIRA, Washington Candido de. Distrito Federal paisagem, população e poder. Ed. Harbra, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglleí. Para Ensinar e Aprender Geografia. Editora Cortez, 2007.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

SANTOS, Milton. O mundo global visto do lado de cá. Documentário, Silvio Tendler. 2001.

----- Pensando o espaço do homem. Editora Hucitec. 1989.

BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas. Coleção Ambiental – Volume 1. Código de águas: E Legislação Correlata. Edição Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Página 15-34. Ano 2003.

SEDUMA: DIAS, E. C. A gestão dos recursos hídricos. Fórum de Direito Urbano e Ambiental, v.1, n. 1, 2002.

SEDHAB. Relatório da Evolução Urbana. Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal- PDOT/DF. 2007. Disponível em: www.sedhab.df.gov.br/...urbano/planejamento-urbano/pdot/processo-de-.Acessado em 2013

TERRACAP. Sol Nascente. Relatório de Impacto Ambiental. www.terracap.df.gov.br/internet/arquivos/0071707482.pdf progea. Acesso em 21/abr/2013.

TREVISOL, Joviles Vitorio. A Educação Ambiental em uma Sociedade de Risco - tarefas e desafios na construção da sustentabilidade. Editora SKOOB, 2009.

VESENTINI, José Willian. A capital da Geopolítica. Editora Ática,1987.

Críticahttp://books.google.com.br/books/about/A_Capital_da_geopol%C3%ADtica.html?hl-pt-PT&id-RHvZXZn7jKQC ... Acessado em 24/04/2/2014.

Caderno de Campo

LAGOA DO JAPONÊS

Figura 22

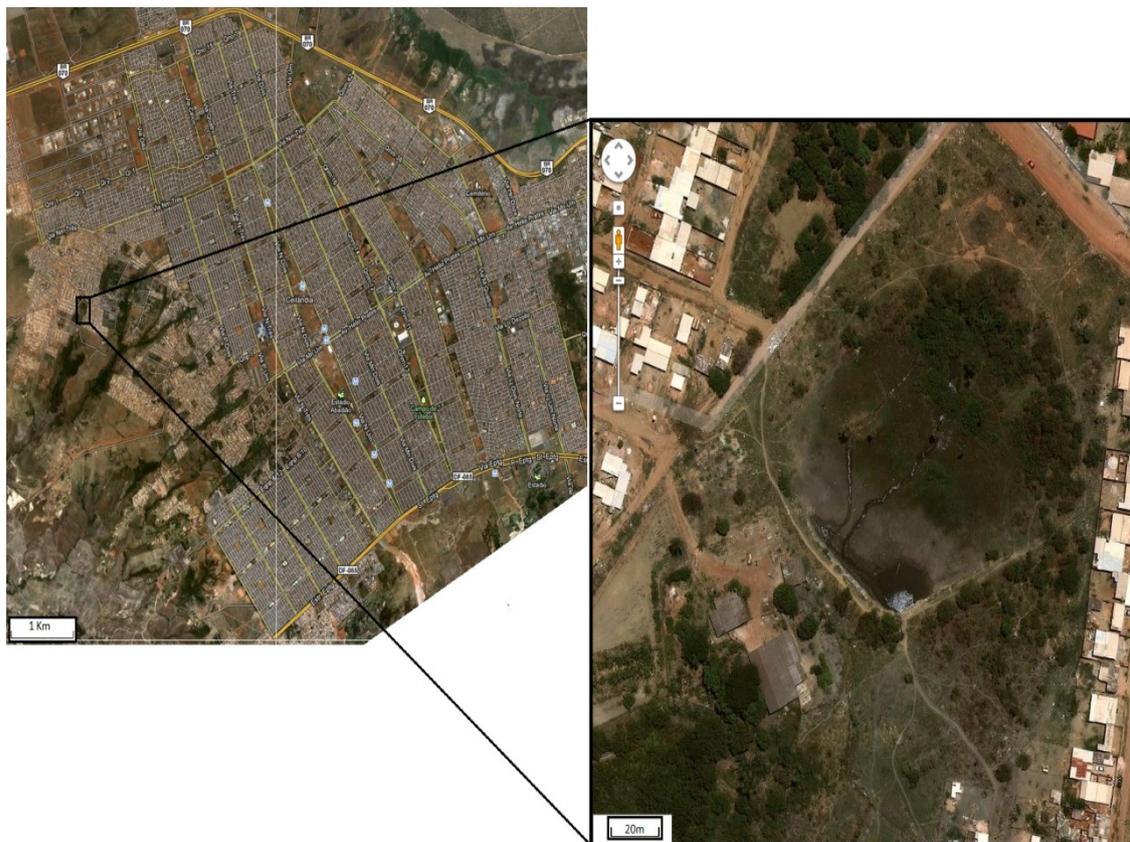


Fenda na Lagoa do Japonês 15/03/2011. Acervo Nascentes do Sol Nascente

Segundo Pontuschka (2005), todo lugar pode fazer parte de um estudo do meio.

Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir; pois não existem lugares privilegiados. Portanto é preciso saber ver, dialogar com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano. (PONTUSCHKA, p. 260,2006).

Figura 23



Fotos aéreas da Lagoa do Japonês em 2007.

Fonte: Google maps Inc. Mapa-Imagem da Região administrativa de Ceilândia. Destaque (Lagoa do Japonês) nosso. Acesso em 02/11/2011, às 19:35.

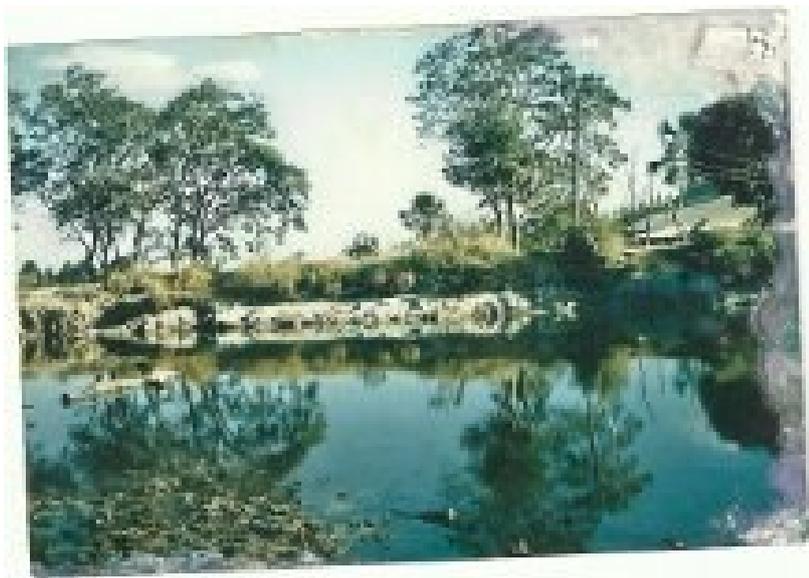
A Lagoa do Japonês localizada no Setor Habitacional Sol Nascente, Trecho III, na chácara 02, entre a Praça dos Abacateiros e os conjuntos M e N.

Uma área de aproximadamente um campo de futebol, apesar de ser uma APP, o proprietário desta área deseja transformá-la em lotes para vender.

Quais procedimentos podem ser feitos para evitar tal situação?

Os diferentes olhares sobre a Lagoa do Japonês:

Figura 24:



Lagoa do Japonês em 2007 quando iniciou o esvaziamento em 2007. Acervo particular.

Da comunidade:

- ❖ Lugar de lazer
- ❖ Também oferece empecilho à regularização do local

Do proprietário:

- ❖ Fonte de água para irrigação de suas plantações
- ❖ Também: local particular que pode ser modificado segundo seus interesses podendo ser aterrado e transformado em lotes para construções de moradias

Da administração regional:

- ❖ Local de águas desviadas
- ❖ Pode ser aterrada
- ❖ Pode servir para a construção de equipamentos públicos

ADASA, IBRAM, SIV-SOLO:

- ❖ APP - Área de Preservação Permanente

Para os grileiros:

- ❖ Local de grandes negociatas

Para oportunistas:

- ❖ Oportunidade de adquirir lote barato
- De onde vem a água da Lagoa do Japonês?
- ❖ Águas desviadas?

❖ Águas pluviais?

❖ Nascente?

As águas da Lagoa do Japonês são:

❖ Permanentes?

❖ Secam no período de estiagem?

A Lagoa do Japonês tem condições de ser restaurada?

❖ Para quem acredita sim

❖ ADASA e IBRAM sim

O que impede a restauração da lagoa?

Existe nascentes na cabeceira da Lagoa do Japonês?

De acordo com a observação do engenheiro florestal enviado pela Administração Regional para, averiguar a existência de nascente na região da Lagoa do Japonês, sim. Pois, ao observar a área, constatou que o tipo de terreno é hidromórfico. A presença de buritis e matas ciliares, abundância de água corrente, a presença de peixes, denuncia a presença de nascentes na área. Relatório confirmado pelos laudos da ADASA em 2012, solicitado por um dos coordenadores do MOPOCEM- Gilberto Ribeiro.

Os perigos que põem em risco a existência da Lagoa do Japonês.

❖ O próprio ser humano (comunidade local)

❖ A Administração Regional de Ceilândia pela omissão

❖ O lixo

❖ A maneira inadequada usada pelo SLU na retirada do lixo, derrubando árvores e levando o lixo para dentro da lagoa

❖ A especulação imobiliária

❖ Os oportunistas que ocupam lugares desassistidos pelos órgãos de proteção ambiental.

❖ Os grileiros

❖ Os políticos corruptos que influenciam negativamente as ações de preservação que os órgãos de proteção tentam executar.

❖ A falta de consciência ecológica

❖ A falta de educação ambiental à população de forma constante.

Figura 25



Barraco na cabeceira da Lagoa do Japonês, em novembro de 2011. Acervo Nascentes do Sol Nascente.

Compreender as transformações contínuas que perturbam o ser humano, perturbação essa que coloca em movimento, chama para a vida e a possibilidade de transformação. (FERNANDES, 2008, p 185). Assim, o Estudo do Meio sobre a Lagoa do Japonês ampliou os estudos envolvendo visitas às nascentes da região, o conhecimento da história do Sol Nascente, investigações. Dando prosseguimento a conquista dos objetivos: a conservação do meio ambiente; impedir que a Lagoa do Japonês seja aterrada; promover o reconhecimento da importância da lagoa para e pela comunidade; suscitar na comunidade e nos órgãos públicos o comprometimento em fiscalizar e manter a Lagoa do Japonês, como também as nascentes da região.

Desde o início da construção de Brasília, o Distrito Federal atraiu trabalhadores, os quais enfrentaram situações diversas. Ao longo desses anos os trabalhadores conseguiram benefícios que incentivaram a vida de mais trabalhadores. O principal motivo continua sendo o trabalho. Segundo Maria das Graças, Brasília é um ótimo lugar para o pobre morar, pois não falta trabalho. Esta opinião é compartilhada por muitos que voltaram para a terra natal e perceberam a diferença em relação ao emprego. Outros entendem que no Distrito Federal, sempre tem um jeitinho de se dar bem, mesmo fazendo biscates.

A seguir, voltamos ao tema das nascentes relatando resultados da pesquisa realizada no desenvolvimento do projeto de estudo do meio no Sol Nascente.

Quando iniciamos a pesquisa, fizemos entrevista com moradores do Sol Nascente.

A pergunta inicial foi:

Você sabe de onde vem a água que sai de sua torneira?

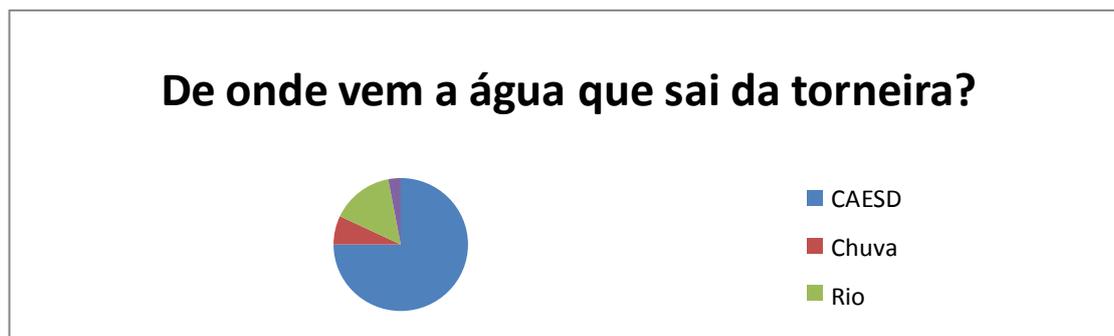


Tabela 1: De onde vem a água que sai da torneira Fonte: pesquisa Estudo do Meio, 2011. Nascentes do Sol Nascente

CAESB.....	75%
Chuva.....	5%
Rio.....	15%
Barragem do Descoberto.....	3%

A maioria dos adultos responderam que a água da torneira vem da CAESB, pois no início os moradores utilizavam água dos poços. Poucos perceberam ou relataram que a CAESB utiliza a água de algum lugar para canalizar e distribuir.



Tabela 2: A importância da nascente

Fonte: pesquisa Estudo do Meio. 2011. Nascentes do Sol Nascente

Você conhece uma nascente, ou já viu uma nascente?

Sim.....	55%
Não.....	35%
Não respondeu.....	10%

Como sabemos, o Setor Habitacional Sol Nascente surgiu numa área de preservação que tinha muitas nascentes. Por conseguinte, achamos interessantes perguntar aos moradores sobre as nascentes. Alguns evitaram responder para não se comprometer, por causa da regularização do local. Você compraria um lote próximo a uma nascente

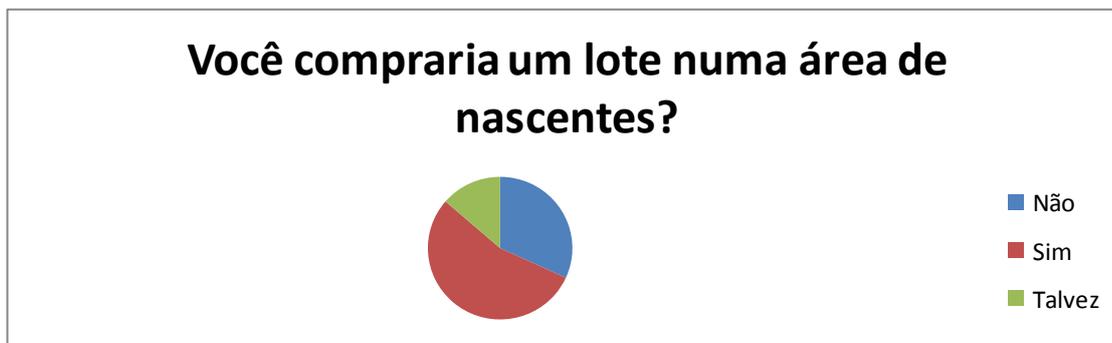


Tabela 3: Você compraria um lote numa área de nascentes? Fonte: pesquisa Estudo do Meio. 2011. Nascentes do Sol Nascente

Esta pergunta talvez seja retórica, porém parte dos moradores escolheram um local sem nascente para comprar o lote.



Tabela 4: Sabendo a importância das nascentes Fonte: pesquisa Estudo do Meio. 2011. Nascentes do Sol Nascente.

O Projeto adote uma nascente incentiva os moradores a cuidar de nascentes em suas propriedades. Contudo os custos ficam por conta do próprio cuidador. Perguntamos então se: sabendo da importância de uma nascente, cuidaria?

Cuidaria.....	27%
Não cuidaria.....	13%
Responsabiliza o governo.....	45%
ONGs.....	15%

Importante salientar a dificuldade de quem se dispõe a cuidar do meio ambiente (nascente) sem a ajuda direta do governo ou órgãos especializados. Conhecemos um padrinho de nascente que passa por situações de desgastes por não ter a ajuda das autoridades na intervenção do avanço das

construções, do lixo e esgoto clandestino lançado na nascente que ele cuida. Seus vizinhos não colaboram pois não foram educados ambientalmente e acham que não tem outra alternativa para o esgoto, e lixo.



Tabela 5: Aceitar remoção Fonte: pesquisa Estudo do Meio. 2011. Nascentes do Sol Nascente

No Setor Habitacional Sol Nascente e Pôr do Sol, casas foram construídas em locais de risco ambiental além de estar em cima do curso d'água. Perguntamos se nesses casos os moradores aceitariam ser removidos. O processo de regularização do SHSN tem sido demorado por causa das dificuldades e resistência dos moradores à remoção.

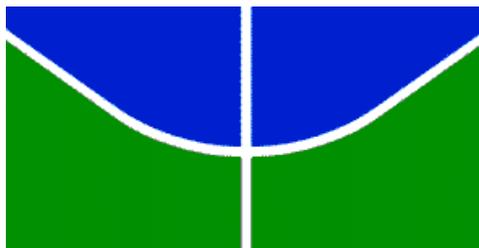
Entretanto:

Aceita.....	45%
Não.....	35%
Resistência.....	20%

Anexos

Sítio/Site Nascentes do Sol Nascente em

Projeto



Universidade de Brasília

Histórico

Meu nome é Marize Rocha graduanda em Pedagogia, FE-UnB, sou bolsista do DAC/DDS. Este site surgiu no desenvolvimento do Projeto III da Faculdade de Educação, oferecido junto às disciplinas do curso de Pedagogia. Ao participar do Projeto: geografia para além da sala de aula (Ensino de Geografia) despertou-me o interesse de realizar o Estudo do Meio onde moro. Ao qual fui incentivada pela minha Professora Dr^a Maria Lídia Bueno Fernandes, que além de ser minha tutora, tem sido minha companheira de luta pela preservação das nascentes do local.

Galeria



Esta galeria conta com fotos produzidas pela equipe do site revelando lugares de nascentes no Sol Nascente, a primeira da esquerda: nascente da Lagoa do Japonês, as duas seguidas: nascente perto do Córrego da Coruja; a última mata de galeria perto do Córrego Cachoeirinha.

Nosso Projeto

Tema: Diagnóstico ambiental e o ensino de geografia: uma interlocução inadiável. Problema: a transformação de uma localidade agrária para habitacional urbana; as áreas antropizadas nas proximidades da “Lagoa do Japonês”. Tem causado danos às nascentes do local, muitas têm sido aterradas. Como equacionar moradia e meio ambiente?



nascentes do sol nascente

Você faz Parte Desta História Sol Nascente: Você Está Construindo Esta História

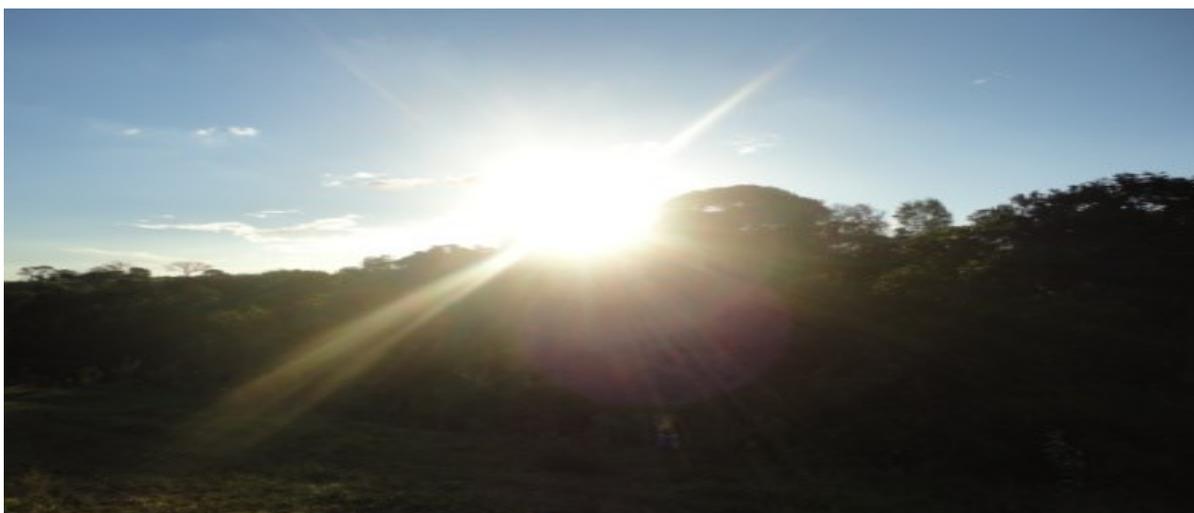
Conhecendo e história Sol Nascente



Nascente da Lagoa do Japonês, em 2012. Foto: nascentessite.

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações”. Fonte: Artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Conheça nosso Projeto



Pôr do sol perto do Córrego Cachoeirinha, no trecho 2, Sol Nascente. Foto: nascentessite em 11/07/2012.

Problema: Transformação de uma localidade agrária para habitacional urbana; as áreas antropizadas nas proximidades da “Lagoa do Japonês”. Tem causado danos às nascentes do local, muitas têm sido aterradas.

Como equacionar moradia e conservação do meio ambiente?



Aqui são as parcerias que se uniram a nós na divulgação dos projetos: Universidade de Brasília, Associação, Movimento Popular por uma Ceilândia Melhor (MOPOCEM), Centro de Educação Paulo Freire (CEPAFRE).



Quem somos

Moradores do Setor: pais; acadêmicos; educadores e líderes comunitários. Acreditamos que é possível minimizar os efeitos da degradação ambiental onde moramos. Com a participação da escola em conjunto com o governo, os moradores, e a indústria local, pode-se desenvolver mecanismos que proporcione a conservação das nascentes. A educação para a sustentabilidade é um fator essencial para os nossos dias e também para as gerações vindouras.



Foto: nascentessite em 11/07/2012. Casas sendo construídas perto do Córrego Cachoeirinha no Trecho Dois.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Geografia, 2005, o espaço é construído pela formação social, tem relação estreita com a paisagem podendo ser considerado como um conjunto de paisagens contidas num limite político e administrativo de uma cidade, estado ou país. É algo criado pelos homens, como uma instituição. O espaço também está relacionado ao poder.

A necessidade de novas moradias impele a população para áreas impróprias para a ocupação, dessa forma, o aumento das áreas habitacionais exige que haja por parte de todos: governo, escola, indústria, e população a observação e a prática do respeito ao meio ambiente para minimizar os impactos ocasionados. O momento histórico necessita da participação da escola como um dos veículos que ajuda na construção do conhecimento possibilitando o despertar da consciência cidadã dos moradores como também, o seu compromisso com o meio onde vivem, como participantes e construtores da formação histórica do local.

Córrego Cachoeirinha



Foto: nascentessite em 11/07/2012.

Este córrego é formado pela junção dos córregos conhecidos como Pequizeiro e do Pasto, está localizado no Trecho Dois, Sol Nascente. Tem sofrido degradação pelos moradores que, apesar de utilizá-lo no lazer, deixam os dejetos e lixos às suas bordas, despejam esgoto e não respeitam o limite para construção.

Ressignificando Ceilândia



Esta produção foi feita em homenagem a Professora Mestra Madalena Torres que ama e luta por uma Ceilândia melhor.

Fotos do Google

Trilha sonora: Menina - Paulinho Nogueira-1970.

Fontes: Google imagens e y

Youtube acessos: 01/06/2012.

Produção e Coordenação: Marize Rocha e Paulo Rocha.

Edição e Designer: Jameson Uriel.

Publicado 01 de junho de 2012 às 15:12 - 1748 visitas

A Obsolescência das Coisas



Enquanto ouvimos discursos inflamados sobre sustentabilidade, nos parece antagônica a linguagem comercial que veiculam nos meios de comunicação, que tem em seu objetivo levar a sociedade a consumir. O próprio governo incentiva o consumo para bem da nação. Os produtos novos que as pessoas compram nas lojas têm um prazo de validade, sua vida útil é pré-determinada. Os reparos nos produtos estragados, na maioria das vezes ficam mais caros que a compra de um novo.

Fontes: Google imagens e youtube acessos: 27/06/2012.

Letra e Música: Chico César

Interpretação: Ceumar

Coordenação: Marize Rocha e Paulo Rocha.

Publicado 26 de junho de 2012 às 16:48 - 407 visitas

SOS: a Lagoa do Japonês pede SOCORRO!!!

por [nascentessite](#) - Publicado dia 12 de julho de 2012 às 17:36



SOS: a Lagoa do Japonês pede SOCORRO!!! 585 visitas:

Este vídeo tem objetivo de conchamar a comunidade e despertar a ação das autoridades governamentais para que a restauração da Lagoa do Japonês / Sol Nascente aconteça. Apesar das invasões, lixo e construções nas suas bordas, a nascente continua jorrando. Ainda há ESPERANÇA!!!

Fotos: acervo particular

Música: Me Leva - AGPÊ

Fonte: Youtube acesso: 12/07/2012

Coordenação:

Marize Rocha

Paulo Rocha

Designer

Jameson Uriel

Participantes

José Valmir

Leonildo Lucena

Marcílio Santana

Homenagem aos pais

por [nascentessite](#) - Publicado dia 10 de agosto de 2012 à:51



Homenagem aos pais

O Site Nascentes do Sol Nascente parabeniza a todos os pais pelo seu dia:

Aos Pais que cuidam dos filhos;

As mães que são pais também;

As avós e avôs, que são duas vezes pais!

As tias e tios que dão uma de ?pai?.

Aos responsáveis, independente de terem gerado !!!

Aos filhos que cuidam dos pais.

Produção, coordenação e direção: Marize Rocha e Paulo Rocha

Edição e designer: Jameson Uriel

Imagens: Goolge Imagens, acessado em 10/08/2012

Música: Pais e Filhos- Legião Urbana
 Fonte: Youtube, acessado em 10/08/2012
 Publicado 10 de agosto de 2012 às 19:51 - 1170 visitas



A

realidade nua e crua31

GRILAGEM DE TERRAS NO SOL NASCENTE

Publicado 22 de agosto de 2012 às 15:23 - 344 visitas

Ceilândia 39 anos: virtualidade e história em movimento - parte 2

Publicado 22 de agosto de 2012 às 14:00 - 135 visitas



Ceilândia 39 anos: virtualidade e história em movimento

Ceilândia 39 anos: virtualidade e história em movimento. Publicado em 22 de agosto de 2012 às 13:19 - 112 visitas



solnascentehoje.blogspot.com 28/01/13

UNIDADE DE BACIA HIDROGRÁFICA SUB-BACIA DO RIO DESCOBERTO

